

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE BIOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Jader Luiz Nunes

**O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO INSTITUTO DE BIOLOGIA
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria de Oliveira Cunha

Uberlândia – MG
Dezembro – 2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE BIOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

**O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO INSTITUTO DE BIOLOGIA
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

Jader Luiz Nunes

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria de Oliveira Cunha

Uberlândia – MG
Dezembro – 2017

Ao meu companheiro Rodrigo Reis

À minha mãe Eliane Nunes

À minha tia Carmen Nunes

À minha irmã Ingrid Nunes

À minha avó Maria Letícia

*“Existem professores que fazem parte do corpo docente da escola.
E existem professores que vão além do corpo, eles fazem parte da alma.
Esses são transformadores de vidas.”*

Marcelo Eduardo Custódio

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao meu bom Deus, por me dar sabedoria, oportunidade de viver, paciência e fôlego de vida a cada amanhecer.

Ao Rodrigo Reis, que durante esses meses tem sido meu amigo e um verdadeiro companheiro, sendo compreensivo, paciente e dedicado. Auxiliou-me em parte da elaboração deste texto. Comigo chorou e riu muitas vezes ao longo de todo esse percurso da graduação, cuidando com muito carinho e atenção da minha vida.

À minha mãe, Eliane Nunes, pela força, incentivo a lutar pelos meus ideais, carinho e muito amor que me foi dado durante toda a minha vida pessoal e acadêmica, enquanto morávamos juntos. E hoje, mesmo longe, estamos pertos em pensamentos e corações!

À minha tia, Carmen Nunes, que foi uma segunda mãe durante toda minha vida pessoal e me auxiliou de todas as maneiras em parte de minha vida acadêmica.

À minha orientadora, Ana Maria de Oliveira Cunha, por toda paciência, atenção e dedicação em me orientar nessa etapa tão importante de minha vida acadêmica. A senhora foi muito importante em toda construção deste trabalho, sem o norte que a senhora me dava, nada disto teria o seu valor. O meu muitíssimo obrigado, do fundo do meu coração!

À secretária da coordenação do curso de Ciências Biológicas, Stephania Olímpio Marçal, por toda atenção, paciência, amizade e cuidado no auxílio e orientação desde minha chegada à Universidade Federal de Uberlândia até este momento tão especial. Muito obrigado Steph!

Agradeço ainda às professoras Lourdes Maria Campos Corrêa, Fátima Lúcia Dezopa Parreira e Vanessa Fonseca Gonçalves que aceitaram participar deste momento de socialização deste trabalho.

RESUMO

O texto aborda resultados de pesquisa realizada com orientadores de Estágio Supervisionado no curso de Ciências Biológicas, do Instituto de Biologia, da Universidade Federal de Uberlândia, enfocando como o componente curricular é conduzido, além de analisar as práticas de ensino destes profissionais. Ainda há um levantamento documental, sobre leis, decretos, diretrizes e ementas que regem o Estágio Supervisionado, visando confirmar se há uma coerência com o que é aplicado na prática. Fundamenta-se em autores como Tardif, Pimenta, Krasilchik, Gatti, entre tantas outras contribuições. Os resultados revelam que todos os professores orientadores seguem dispositivos propostos na Legislação, desde a LDB até a ementa do curso, mas apresentam autonomia no desenvolvimento de seus planos de curso, que evidenciam então, marcas pessoais de exercício de docência. Também se tem de resultados que os orientadores de Estágio propõem a elaboração de atividades e materiais didáticos antes e durante o Estágio, a partir da caracterização das escolas-campo, evidenciando o cuidado em atender às demandas do contexto escolar daquele campo de estudo.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado, Curso de Ciências Biológicas, Formação de professores, Professor orientador, Professor Supervisor, Escola-campo.

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS E/OU SIGLAS	8
LISTA DE TABELAS	9
1- INTRODUÇÃO.....	10
2- REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
3- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	22
4- RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	24
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
ANEXO I.....	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	66
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	68
APÊNDICE B – ROTEIRO UTILIZADO PARA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS	69

LISTA DE ABREVIATURAS E/OU SIGLAS

1. CNE/CP: Conselho Nacional de Educação / Conselho Pleno;
2. CONSUN-UFU: Conselho Universitário – Universidade Federal de Uberlândia;
3. ESEBA: Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia;
4. INBIO: Instituto de Biologia;
5. LEN: Laboratório de Ensino de Ciências e Biologia;
6. LDBEN: Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional;
7. LIBRAS: Língua Brasileira de Sinais;
8. MEC: Ministério da Educação;
9. PIBID: Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência;
10. UFU: Universidade Federal de Uberlândia.

LISTA DE TABELAS

1. Docentes do núcleo de Educação do INBIO.....pág. 20
2. Disciplinas específicas da modalidade Licenciatura.....pág. 21

1- INTRODUÇÃO

A formação acadêmica de professores é permeada por diversos processos para que o discente consiga exercer seu papel profissional de futuro professor. As discussões sobre o processo de formação de docentes apontam para a necessidade de aproximação entre teoria e prática, conectando os saberes pedagógicos com aqueles que provêm das disciplinas específicas do curso que se preparam para ensinar (SAVIANI, 2009; CUNHA, 2010; BACON & ARRUDA, 2010; GATTI, 2011; MENEZES, 2012). Essa interação tem incentivado modelos que envolvem a participação de diferentes níveis educacionais no processo de formação: corpo docente das Licenciaturas, licenciandos, professores regentes e os alunos das escolas da educação básica. Tal discussão tem sido foco de análises de pesquisadores de Educação em Ciências e Matemática na Europa e nos Estados Unidos (MOORE, 2004; HOBSON et al., 2009).

Para o desenvolvimento do processo de formação, os cursos de Licenciatura buscam interligar conhecimentos pedagógicos, específicos e práticos à matriz curricular. Neste cenário, atividades como as teóricas, as práticas educacionais, bem como os Estágios Supervisionados, têm como objetivo proporcionar ao licenciando vivências da profissão docente. Nesse contexto, o Estágio Supervisionado atua como um viés preparador para a futura “práxis” de transformação do professor (PIMENTA, 2006). Dessa forma, a importância do Estágio Supervisionado na formação acadêmica está amplamente ligada à forma com que este se desenvolve e para compreendê-lo é imprescindível um olhar introspectivo sobre esta formação inicial de professores que é concebida como um ofício feito de saberes (GAUTHIER et al., 1998).

Para Tardif (2007) os saberes referentes à prática docente possuem grandes complexidades e, portanto é de suma importância considerar as demais dimensões do ensino, pois como afirma o autor não é possível falar sobre o saber sem relacioná-lo com o contexto do trabalho.

[...] o saber sempre é o saber de alguém que trabalha alguma coisa com intuito de realizar um objetivo [...] O saber dos professores é algo deles e está relacionado com a pessoa e identidade deles, com suas experiências de vida e com sua história profissional, com suas relações com os alunos em sala de aula e com outros atores escolares na escola [...] O saber do professor traz em si mesmo as marcas de seu trabalho, ele não é somente utilizado como um meio no trabalho, mas é produzido no trabalho (TARDIF, 2007, p.10).

Com todo este contexto, o Estágio Supervisionado é obrigatório e possui 400h de duração (BRASIL, 2001). Constitui viés para que os alunos que estão em formação tenham seus primeiros contatos com a realidade escolar e desenvolvam, de forma mais efetiva, os saberes de sua futura profissão. Nesse movimento, o Estágio Supervisionado é caracterizado como o

ato educativo escolar supervisionado desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituição de ensino superior (BRASIL, 2008, p. 01).

O Estágio Supervisionado nos cursos de Licenciatura funcionam como momento mais importante e esperado do curso para o licenciando. Neste momento o aluno passará a ter um papel mais ativo, em que ele terá que realizar atividades inerentes à profissão de docente, utilizando todos os conhecimentos pedagógicos e específicos adquiridos ao longo de toda a graduação.

No curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto de Biologia (InBIO) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), os Estágios Supervisionados são regulamentados pela Lei 11.788 de 09/2008, além das normas e regimentos internos da UFU e por sua vez do InBIO.

Segundo o Projeto Pedagógico Curricular do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UFU, o estágio no InBIO é organizado em três momentos, sendo caracterizados em suas dimensões práticas – Estágio Supervisionado I, visando um primeiro contato na escola-campo; Estágio Supervisionado II, visando contato formal com a escola-campo, realizando regência no ensino fundamental; e Estágio Supervisionado III também visa o contato formal com a escola-campo, realizando regência no ensino médio.

Esta pesquisa teve como objetivo investigar como cada docente do Instituto de Biologia da Universidade Federal de Uberlândia organiza o componente curricular Estágio Supervisionado com base nas Leis e Diretrizes em vigor. Nesta investigação, pretende-se identificar as diferentes abordagens utilizadas por cada docente.

2- REFERENCIAL TEÓRICO

No Ensino Fundamental e Médio, a abordagem dos conteúdos incluindo Ciências e Biologia, deve ser compromissada com a construção da cidadania, que pressupõe que o mesmo deve ser desenvolvido de forma interdisciplinar e multidisciplinar através de práticas didáticas que envolvam, por exemplo: a problematização, a observação, a experimentação e a leitura de textos, conforme proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998).

A busca pela melhoria contínua da qualidade do ensino, também deve ser constante na vida dos educadores. Partindo desta concepção, entende-se que repensar a ação docente é um desafio cotidiano, principalmente quando se almeja formar um estudante cidadão, consciente, crítico, ético, criativo e atuante na sociedade em que se vive. Esse desafio se intensifica diante das rápidas e profundas transformações nos mais variados setores da vida contemporânea, sendo esses alunos alvos da acelerada produção e disseminação de novos produtos e informações instantâneas. Neste sentido, a docência é uma atividade profissional de alta responsabilidade política e social, pressupondo-se, portanto, que a formação do educador requer compromisso e competência. Quando se deseja uma educação para a formação do sujeito em um ser consciente no exercício de sua cidadania, almeja-se também a transformação qualitativa da sociedade em que vive.

Krasilchik (1996) argumenta sobre a necessidade dos estudantes da Educação Básica aprenderem os conhecimentos atualizados sobre os processos e os conceitos biológicos, físicos e químicos para perceberem a importância da ciência na vida das pessoas. Tais conhecimentos contribuem para se formar cidadãos capazes de utilizar o que aprendem na escola para tomar decisões em benefícios coletivos. Nesse sentido, a autora reforça que os professores de Ciências e/ou Biologia, não devem deixar de colaborar com seus estudantes no desenvolvimento de habilidades de saber fundamental.

Castellar acrescenta que

a prática educativa remete, frequentemente, ao processo ensino-aprendizagem, que se reporta, sobretudo, à ação didática. A esse respeito, questionamos: Será que os professores dominam a prática e o conhecimento especializado com relação à educação e ao ensino? Em termos gerais, a resposta é não (CASTELLAR, 1999, p. 51).

E para que este professor seja capaz de colaborar no aprendizado de seus alunos, foi necessário que o mesmo se graduasse. Durante o processo de graduação de um licenciando, o componente curricular Estágio Supervisionado, na modalidade de Licenciatura, é obrigatório segundo o documento de Diretrizes para Formação de Professores da Educação Básica MEC/2013.

Para Santos (2005) o Estágio Supervisionado curricular, junto com as disciplinas teóricas desenvolvidas na licenciatura, é um espaço propício para construções significativas no processo de formação de professores, contribuindo com o ser profissional do futuro professor.

Tardif (2002) assegura que o Estágio Supervisionado constitui uma das etapas mais importantes na vida acadêmica do licenciando, além de cumprir as exigências da Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional (LDBEN). Em 2006, essa mesma LDBEN propôs que o Estágio Supervisionado se tornasse uma oportunidade para o licenciando vivenciar seu futuro como professor dentro de uma escola, através de observações, pesquisas, planejamentos de aulas e regências, além de atividades pedagógicas desenvolvidas simultaneamente com a vivência em sala de aula. Isso significa um passo importantíssimo ao estagiário, pois assim ele tem a capacidade de se descobrir, se encontrar enquanto professor, além de vivenciar a realidade social da educação e saber como se manter enquanto profissional desta área.

Schön (1992) considera que o Estágio seria uma aplicação dos conhecimentos técnico-profissionais na fase em que os professores são formados conforme o modelo tradicional, onde prevalece a sequência ciência - aplicação - estágio-observação de aulas - participação e regência. Para o autor, os futuros professores não teriam a formação necessária para o conflito das situações problemas dentro do âmbito escolar, porque tais problemas vão além de conhecimentos elaborados pela ciência e respostas técnicas. Desta forma, o autor propõe a Epistemologia da Prática em uma formação de docentes,

cuja situação valoriza a prática da docência, proporcionando oportunidade à construção dos conhecimentos através de reflexões e análises.

O Estágio deve ser encarado como uma oportunidade de formação da prática pedagógica. Em 1992, Schön já mostrava a importância do Estágio, que hoje é a prática do aprendizado por meio do exercício da regência, com conhecimento que vai desde os práticos aos teóricos aprendidos ao longo do curso. Neste sentido, essa prática supervisionada se faz necessária para a tomada de consciência por parte dos licenciandos de que as teorias estudadas por eles no curso de formação são fundamentais, mas em hipótese alguma, suficientes para o pleno exercício da docência. É imprescindível, assim, a imersão nos contextos reais de ensino, para vivenciar a prática docente mediada por professores já habilitados, no caso, os orientadores dentro das universidades em parceria com os professores que já atuam nas salas de aula (PIMENTA, 1999). Sendo assim, o futuro professor assume o papel ativo-prático e isto exige confronto com a realidade, ou seja, é o real momento que o discente tem a oportunidade de vivenciar e aplicar aquilo que leu, ouviu e aprendeu durante suas disciplinas teóricas. Neste momento o licenciando necessita manter-se aberto a mudanças, objetivando o crescimento pessoal e profissional da prática docente. O Estágio é

um tempo de aprendizado que, através de um período de permanência, alguém se demora em algum lugar ou ofício para aprender a prática do mesmo e depois poder exercer uma profissão ou ofício (BRASIL, 2001).

O parecer supracitado faz referência ao aprendizado adquirido durante o período de permanência dentro da escola-campo, local esse que faz com que o estagiário realize o ofício de ser professor, vivenciando de forma prática o que lhe espera em sua futura profissão.

Diversos fatores são levantados a favor do Estágio Supervisionado e todos remetem para a relação entre a teoria e a prática, dando grande relevância ao papel do membro experiente – professor regente, que passa a ser nomeado de professor supervisor, sendo de fundamental importância para a formação do futuro professor. Entre eles, destacam-se:

- I. Inserir o futuro professor no cotidiano escolar e aproximá-lo do espaço no qual exercerá sua atividade profissional para que possa, assim, reconhecer na prática aquilo que vira na teoria;
- II. Formar o professor para que possa resolver problemas que se apresentam na realidade das salas de aula, principalmente públicas, através do exercício de conexão entre as teorias pedagógicas e os conhecimentos específicos da disciplina que irá ensinar;
- III. Aprender com o professor supervisor, um saber que não se ensina na universidade, o saber da experiência (TARDIF, 2002), adquirido através do tempo e da interação com outros profissionais e com a realidade escolar.

Portanto o Estágio Supervisionado se caracteriza como o campo de formação docente do futuro professor.

Em 2002, a resolução da CNE/CP 2, de 19 de fevereiro, instituiu a duração e a carga horária que os cursos de Licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior precisam completar no componente curricular Estágio Supervisionado ao longo da formação acadêmica do discente, que compreende:

Art. 1º A carga horária dos cursos de Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, será efetivada mediante a integralização de, no mínimo, 2800 (duas mil e oitocentas) horas, nas quais a articulação teoria-prática garanta, nos termos dos seus projetos pedagógicos, as seguintes dimensões dos componentes comuns:

I - 400 (quatrocentas) horas de prática como componente curricular, vivenciadas ao longo do curso;

II - 400 (quatrocentas) horas de estágio curricular supervisionado a partir do início da segunda metade do curso (BRASIL, 2002).

Na Lei Federal de número 11.788, de 25 de setembro de 2008, diz que no:

Art. 1º Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos.

Art. 2º O estágio poderá ser obrigatório ou não obrigatório, conforme determinação das diretrizes curriculares da etapa, modalidade e área de ensino e do projeto pedagógico do curso (BRASIL. Decreto n. 11.788).

Em 2012, conforme o documento de Diretrizes para Formação de Professores da Educação Básica MEC/2012, o Estágio Supervisionado é reafirmado como obrigatório e deve estar presente no curso de graduação, modalidade licenciatura, a partir da segunda metade do curso, tomando como referência o conteúdo da formação pedagógica e o da formação específica. Tal documento também afirma que o estágio deve atender aos dispositivos da Lei nº 11.788/2008 e da CNE/CP 2/2002.

O componente passa a ser obrigatória, pois se vê que é gerada uma necessidade do exercício direto *in loco*. Desta forma, torna-se também imprescindível o acompanhamento de um profissional já habilitado – professor regente, para que a prática pedagógica do futuro professor seja supervisionada e assim tenha uma docência compartilhada e com vivência da sala de aula.

Assim o estágio curricular supervisionado supõe uma relação pedagógica entre alguém que já é profissional reconhecido em um ambiente institucional de trabalho e um aluno estagiário. “Por isso é que este momento se chama estágio curricular supervisionado...” (BRASIL, 2001).

De acordo com Behrens (1991), a imersão na realidade da sala de aula deve proporcionar ao licenciando a possibilidade de um olhar mais centrado e profundo sobre a complexidade que há em torno do processo de ensino e aprendizagem que se desenvolve na realidade educacional. Isto faz com que os futuros professores estabeleçam em torno dessa prática um exercício de reflexão que contribui, por um lado, para a compreensão de tal realidade, e, por outro, para a construção de novos conhecimentos e desenvolvimento de novas metodologias a partir da realidade escolar vivenciada.

O desenvolvimento desta componente curricular – Estágio Supervisionado, na formação de professores de Ciências e/ou Biologia proporciona ao acadêmico que está prestes a ingressar no meio docente, uma real aproximação da realidade profissional que o aguarda ao término da sua formação. É de grande relevância esse processo da formação docente, pois é a partir dessa experiência que os licenciandos se percebem como futuros professores, enfrentando pela primeira vez o desafio de conviver, falar e

ouvir, com linguagens e saberes diferentes daqueles de seus campos específicos (PIMENTA, 1997).

Dentro do Estágio Supervisionado qualquer projeto pode ser elaborado de maneira interdisciplinar, propiciando aos estagiários um conhecimento necessário para que assim atuem, quando professores, em atividades que irão superar o aprendizado do conhecimento de maneira compartimentada.

Vários autores como Pimenta (1997), Krasilchik (1996), Lima & Pimenta (2004), Ghedin (2006), entre outros, destacam o Estágio Supervisionado no Ensino Superior e suas implicações para a formação de docentes como tema recorrente, desde 1930, quando surgiram as licenciaturas no Brasil, estando em debate até hoje.

Pesquisas e/ou debates sobre o Estágio Supervisionado no Ensino Superior, demonstram que não há um modelo único sobre o mesmo. Pimenta (1997), Krasilchik (1996), Lima & Pimenta (2004), Ghedin (2006) expõem a necessidade de um Estágio que aproxime as unidades formadoras. Tal modelo subentende a existência de um Ensino Superior integrado entre essas unidades formadoras, ou seja, um acordo oficial da Secretaria da Educação vinculado ao colégio de Educação Básica e/ou Médio com a instituição de Ensino Superior. Dessa forma, a integração entre os dois níveis de ensino integrado de atividades e conhecimentos necessários à formação do docente, estaria garantida. Suárez-Díaz também compartilha desta ideia quando reforça que

um processo formativo desenvolvido por dois ou mais professores certificados que estabelecem uma relação de colaboração para oferecer instrução conjunta a um grupo de estudantes diverso, num espaço físico e com conteúdos e objetivos específicos, com a finalidade de atingir o que não conseguiam fazer sozinhos (SUÁREZ-DÍAZ, 2016, p. 167).

Para Gauthier (2003), os saberes que existem no ato de ensinar são: o disciplinar, que é conhecer o conteúdo a ser ensinado; o curricular, o conhecer o programa de ensino; os das ciências da educação, que vem a ser o conhecer o sistema escolar, carga horária e o desenvolvimento do aluno; a tradição pedagógica, onde se há concepções prévias do magistério; o experiencial, que são os saberes não científicos; e a ação pedagógica, que por sua vez, são os saberes científicos.

Gauthier (2003) ainda atesta que os saberes da ação pedagógica são os menos desenvolvidos no “reservatório de saberes” do professor e, no entanto, é o mais

necessário à profissionalização e formação do ensino. O autor reforça ao atestar dizendo que

não poderá haver profissionalização do ensino enquanto esse tipo de saber não for mais explicitado, visto que os saberes da ação pedagógica constituem um dos fundamentos da identidade profissional do professor (GAUTHIER, 2003, p.21)

Para compreender o componente Estágio Supervisionado no curso de licenciatura, abre-se sempre um debate polêmico e conflituoso, pois é bastante comum encontrarmos, no mesmo Instituto Acadêmico, propostas curriculares bem distintas umas das outras, bem como entre cursos, que acabam por terem interpretações diferentes e diversas sobre a dimensão formativa dos estágios curriculares (SOUZA & MARTINS, 2012).

Com a Lei Federal n. 11.788 de 25/09/2008, CNE/CP 28/2001, CNE/CP 2/2002, houve a reformulação do novo modelo de Estágio que passou a ser instituído dentro das universidades. Com tais alterações, a matriz curricular do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto de Biologia (InBIO) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), passa por nova reforma em seu curso e conseqüentemente altera a matriz curricular do Estágio Supervisionado, porém sua condução irá variar de acordo com cada supervisor, que embora não fugindo das Leis que regem o Estágio, ele tem autonomia para desenvolver o Estágio segundo convicções que lhe são peculiares.

A ideia deste trabalho é compreender como o Estágio Supervisionado está estruturado e encará-lo como local de integração de currículos na sua articulação com a pesquisa, extensão e ensino.

Para Carvalho e colaboradores (2003), no projeto pedagógico do curso de licenciatura, os Estágios Supervisionados devem ser encarados como momentos ímpares da formação do futuro professor, pois há uma compreensão da realidade educacional e do ensino havendo uma relação direta com os alunos e com a escola-campo. O Estágio Supervisionado é indispensável para a conclusão do curso de licenciatura.

No curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do InBIO da UFU, o núcleo de Educação é composto por 11 professores doutores destinados à modalidade Licenciatura. Tais docentes são responsáveis por compor o quadro de todas as

disciplinas teóricas e práticas de cunho Educacional. Na Tabela 1, tem-se o corpo docente responsável pelas componentes Educacionais, já na Tabela 2, tem-se os componentes curriculares específicas da modalidade Licenciatura presentes na grade curricular do curso supracitado.

Tabela 1 – Docentes do núcleo de Educação do InBIO.

Ana Maria de Oliveira Cunha
Ariadine Cristine de Almeida
Daniela Franco Carvalho
Diana Salles Sampaio
Fernanda Helena Nogueira Ferreira
Flávio Popazoglo
Francielle Amâncio Pereira
Lúcia Estevinho Guido
Melchior José Tavares Júnior
Renata Carmo de Oliveira
Viviane Rodrigues Alves de Moraes

Fonte: Autor.

No InBIO da UFU, o curso de Licenciatura em Ciências Biológicas possui o componente curricular Estágio Supervisionado segmentado em três etapas: Estágio Supervisionado I, Estágio Supervisionado II e Estágio Supervisionado III, sendo, consecutivamente, um pré-requisito do outro. É determinada como uma componente 100% prática, ou seja, não deveriam ocorrer aulas teóricas. O contato do licenciando deve sempre se manter ligado à escola-campo, sendo que cada Estágio tem um foco diferente no que se diz respeito à experiência da docência.

Tabela 2 – Disciplinas específicas da modalidade Licenciatura.

Profissão Biólogo

Educação Ambiental

Didática Geral

Política e Gestão da Educação

Filosofia da Ciência

Ciências e Mídias

Psicologia da Educação

Biologia e Cultura

Educação e Sociedade

Metodologia do Ensino

LIBRAS

Estágio Supervisionado I

Estágio Supervisionado II

Estágio Supervisionado III

Trabalho de Conclusão de Curso I

Trabalho de Conclusão de Curso II

Trabalho de Conclusão de Curso III

Fonte: Autor.

O Estágio Supervisionado I possui carga horária de 105 horas/aula. O discente irá focar na perspectiva da investigação no Ensino Fundamental, abordando as Ciências Naturais. Neste momento são realizadas atividades na escola-campo não diretamente relacionadas aos conteúdos ligados aos anos que os alunos da escola-campo estão cursando, podendo ou não, serem realizadas no espaço escolar. Oficinas práticas, minicursos, palestras, visitas entre outros artifícios didáticos, poderão ser adotados neste momento. (INBIO, 2012a).

Já no Estágio Supervisionado II, com carga horária de 150 horas/aula, o discente irá exercer a função da docência no Ensino Fundamental na área de Ciências Naturais, disciplina de Ciências, com foco de compreender a complexidade do universo Escola, sua organização, metodologia adotada, materiais didáticos utilizados, relação

professores-alunos e para, além disso, fortalecer parcerias com a escola alvo (INBIO, 2012b).

Por sua vez, o Estágio Supervisionado III, com suas 150 horas/aula, será o exercício da docência no Ensino Médio, na disciplina de Biologia, tendo como base, os mesmos princípios do Estágio Supervisionado II, no que se refere à organização, metodologia adotada, materiais didáticos utilizados, relação professores-alunos e na manutenção de vínculo e parceria com a escola alvo em questão (INBIO, 2012c).

Em se tratando da formação do docente de Ciências e/ou Biologia, os modos como o Estágio Supervisionado é ministrado e orientado é de fundamental importância para o crescimento profissional do licenciando (GAUTHIER et al., 1998).

3- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O problema que nos dispusemos a investigar foi como cada docente do Núcleo de Educação do Instituto de Biologia da Universidade Federal de Uberlândia organiza o componente curricular Estágio Supervisionado com base nas Leis e Diretrizes em vigor. Trata-se de uma Pesquisa Qualitativa, cujo instrumento para coleta de dados foi a entrevista oral gravada, com o consentimento dos docentes participantes e com suas respostas e opiniões resguardadas através do documento “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”, no Apêndice A, estando devidamente assinados e constando todas as vias dos participantes em Anexo.

Para a entrevista foi utilizado um roteiro, (Apêndice B), a fim de investigar como cada docente ministra o componente curricular alvo deste estudo e obter opiniões sobre tal.

A entrevista foi realizada no Instituto de Biologia da Universidade Federal de Uberlândia com os professores que se dispuseram a responder às perguntas que constam no Apêndice B, sendo que estes atuaram e/ou atuam na componente curricular alvo do estudo. A entrevista objetivou entender como cada docente ministra, orienta e entende a componente curricular sob sua responsabilidade.

Todas estas e outras questões foram realizadas individualmente a cada supervisor do Estágio no formato de entrevista oral gravada através de um gravador de voz da marca Sony, modelo ICD-PX312, disponibilizado pelo LEN 1 do InBIO. As gravações foram analisadas na forma de áudio, sendo ouvidas repetidas vezes e os pontos mais relevantes para este trabalho, foram transcritos no tópico “Resultados e Discussão”.

Além da entrevista oral, fizemos análise de alguns documentos tais como: Constituição Federal, LDBEN, MEC, Ementas da componente curricular disponíveis na coordenação do InBIO da UFU, além de Pareceres da CNE.

Portanto foi realizado a pesquisa documental e a entrevista oral gravada junto ao corpo docente que compõe o Núcleo de Educação do Instituto de Biologia da UFU, que do total de 11 professores, 9 contribuíram para que fosse possível alcançar o objetivo proposto por este trabalho. Os outros dois docentes que não participaram foram por

motivos pessoais ou se mostraram sem horários em sua agenda para a concessão da entrevista.

4- RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos serão expostos seguindo a sequência das perguntas do Roteiro que consta no Apêndice B. Como mencionado no “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” do Apêndice A, os nove professores participantes da entrevista não serão identificados, sendo nomeados a partir de agora como Professor 1, Professor 2, Professor 3, Professor 4, Professor 5, Professor 6, Professor 7, Professor 8 e Professor 9.

Quando perguntados: “**Quantos alunos, em média, acompanham em cada turma de estágio e se este número é adequado para sua orientação**”, obtivemos as seguintes respostas:

- **Professor 1:** “No Estágio Supervisionado I, variou de 4 a 15, já no Estágio Supervisionado II, eram cerca de 20 alunos e no Estágio Supervisionado III, 15 alunos. Então variou de 4 a 20 alunos. Da experiência que eu estou tendo com os estagiários, eu acredito que eu estou conseguindo sim orientar, orientar (frisou a palavra novamente) esses estagiários.”
- **Professor 2:** “Em média eram entre 15 e 16 alunos. Eu acho que era um número bom.”
- **Professor 3:** “Eu acompanho em média 17, 18, até 20 alunos. Sim, acho adequado.”
- **Professor 4:** “Isso depende muito do semestre, porque já tive semestre que orientei 8 estudantes, como tive semestre que orientei 19, 20 estudantes. Isso tem sido muito mais evidente agora que os cursos, licenciatura e bacharelado, estão divididos.”
- **Professor 5:** “Geralmente de 15 a 20 alunos. Eu acho adequado, no começo eu tive turmas muito pequenas e quando são muito pequenas prejudica a discussão, é ruim.”
- **Professor 6:** “Geralmente turma de 15, 20, 22 estagiários. Eu acho adequado, porque eu vinha de uma outra realidade, de uma instituição particular que era muito maior esse número.”

- **Professor 7:** “Nos dois últimos anos, em média de 15 a 20 alunos. Pro noturno, quando passa de 20 eu acho um pouco complicado, mas acho adequado, não acho inadequado não.”
- **Professor 8:** “Como já tem muito tempo, vários semestres que não ministro o Estágio, me lembro que era um número grande e que não era o ideal pra mim. Pois eu acredito que o licenciando precisa de um acompanhamento mais próximo e isso demanda tempo. E quando estavam divididos em várias escolas, aí ficava pior, pois não conseguia acompanhá-los toda semana, precisava intercalar entre as escolas.”
- **Professor 9:** “O número de estagiário por turma varia um pouco. Tem alguns semestres que fico com menos de 10 e outros com mais de 15. No último semestre fiquei com 19. 10 é pouco, 19 é muito. Acho 12, um número ideal. Anos atrás tínhamos uma normativa de ter 12 estagiários por turma. É um número excelente. Uma turma grande nos dificulta colocar em uma única escola, o que impede um trabalho de grupo, discutindo os mesmos conteúdos, as mesmas aulas. Dificulta sobremaneira a nossa supervisão. Para nós não é estágio supervisionado e sim estágio obrigatoriamente supervisionado.”

Após a análise das respostas dos docentes podemos perceber que a média geral que os professores tiveram ao longo dos últimos anos se manteve constante, sempre entre 15 e 20 alunos, o que fez com que a maioria considerasse um número adequado para as orientações. Somente os professores 8 e 9 consideraram o número grande comparado com seu entendimento quanto a forma de acompanhamento dos estagiários, que para esses professores, deve ser “mais próximo”.

Como exposto por eles, um número grande de estagiários é prejudicial ao acompanhamento, que é necessário para uma boa orientação, impedindo ainda a realização de diversas atividades e compromete até colocar a turma toda em uma mesma escola-campo. O Professor 9 enfatiza: “não é estágio supervisionado e sim estágio obrigatoriamente supervisionado” o que demanda acompanhamento de todos os alunos.

Em contrapartida, uma normativa da própria Universidade Federal de Uberlândia estabelece que o componente curricular Estágio Supervisionado comporte, a cada

semestre, até 20 licenciandos por turma de Estágio. O que significa que dentro da maioria das respostas obtidas pelo Núcleo de Educação, é um valor adequado.

No questionamento sobre **quais critérios os professores utilizam na escolha da escola-campo do estágio**, tivemos as seguintes respostas:

- **Professor 1:** “Que seja uma escola que consiga abraçar um grande número de estagiários, mas a escola também precisa ser uma escola receptiva. Então na maioria das vezes eu procurei professores de Ciências e Biologia que eu tivesse contato e que estivessem abertos a receber o estagiário, mas a experiência diz que não é só o professor que precisa estar receptivo, mas também a direção da escola precisa estar. Já aconteceu comigo momentos em que o professor estava receptivo e a direção não e vice e versa. Então é importante conversar com a escola para que ela esteja receptiva também para que o estágio tenha uma maior fluidez.”
- **Professor 2:** “Primeiro eu acho que é muito importante ter um relação próxima tanto com os diretores da escola quanto com os professores-supervisores, no sentido de permitir que os estagiários tenham autonomia, liberdade.
- **Professor 3:** “Um critério muito importante, é o fato de eu já conhecer a escola, conhecer a direção, os professores da área de Ciências e Biologia e esse conhecimento prévio facilita o ingresso dos estagiários. Eu também costumo não ficar em uma mesma escola por muito tempo, procuro sempre ficar um semestre em uma escola e outro semestre em outra.”
- **Professor 4:** “Nós aqui do Instituto já temos muitas escolas parceiras e quem também abriu novas fronteiras, novas possibilidades, foi o próprio PIBID. Particularmente, eu procuro aquela escola que já tem o habito de receber estagiários na perspectiva que a gente deseja, que é aquela mais autônoma e mais próxima do professor regente.”
- **Professor 5:** “Depende muito. Hoje tem o PIBID, então eles nos ajudam muito a pensar qual escola, embora a gente não faça na escola que o PIBID está, mas na outra escola que a professora do PIBID dá aula, pelos projetos que a gente já

participou aqui na UFU, isso também ajuda muito a ter esse contato. Então geralmente é dessa forma.”

- **Professor 6:** “Da última vez que eu ofertei sozinha a disciplina, eu fiz de outra maneira. Eu deixei que os estudantes escolhessem a escola-campo de Estágio. E aí eles se dividiram em quatro escolas e foi uma experiência bem interessante. Percebi que se dedicaram muito mais, pois foram eles que correram atrás desde o início.”
- **Professor 7:** “Vários critérios. Primeiro que eu conheça bastante os professores e as escolas. Então geralmente eu escolho uma escola que tem uma gestão, uma direção, um apoio que vai permitir que meu aluno não tenha maiores problemas. Conheço os professores e sei que vão fazer o acompanhamento, as vezes a gente erra feio, mas faz parte do aprendizado, e também o apoio da direção, que isso é fundamental, sem o apoio da direção, a realização do estágio pelo aluno fica mais difícil
- **Professor 8:** “Esse critério é sempre importante. Eu procuro uma escola que, nos dia que os alunos estão matriculados, tenham aulas de Biologia ou Ciências naquela escola, é o meu critério classificatório. Outro critério seria como a escola, a direção nos acolhe e eu sempre vou primeiro no diretor, apresento do que se trata e a nossa postura em relação ao acompanhamento desses estagiários.”
- **Professor 9:** “Normalmente essa escolha está relacionada com a forma que a escola nos recebe, com a liberdade que nos é atribuída para a condução do Estágio. O Estágio é um momento complexo para o nosso aluno. Ele é inserido em outra realidade com normas próprias, as quais ele tem que se adaptar. É importante que seja uma escola que acredita no nosso trabalho.”

O critério geral adotado pelos professores para a escolha da escola foi unanime: conhecer a escola-campo de Estágio, pois a partir do momento que o professor orientador conhece, ele sabe como é a receptividade daquela escola-campo – que é outro fator determinante na escolha, como é o funcionamento da direção, da coordenação, as regras administrativas daquele lugar, e isso tudo gera uma relação de troca entre as partes, pois ambas irão se beneficiar, tanto a escola-campo com a intervenção positiva

da universidade, quanto à universidade participando e vivendo a atual educação básica brasileira. Para isso, é muito importante que a escola-campo acredite no trabalho que será desenvolvido ali dentro, conforme o Professor 9 reafirma.

Durante a entrevista, os Professores 4 e 5, comentaram da importância que o PIBID traz para a inserção dos licenciandos dentro das escolas de Educação Básica. O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID é um programa desenvolvido pelo Ministério da Educação e tem por finalidade apoiar a iniciação à docência de licenciandos nas universidades com o fortalecimento da sua formação para o trabalho nas escolas públicas. Desta forma, o PIBID possibilita que os licenciandos e os professores supervisores participantes do programa, abram novos caminhos e possibilidades para os futuros estagiários, como menciona o Professor 4.

A pergunta “**Quantas horas o aluno estagiário cumpre efetivamente na escola-campo?**”, foi respondida da seguinte maneira:

- **Professor 1:** “Dentro da escola-campo, no Estágio III, um total aproximado de 25 horas/aula.”
- **Professor 2:** “Eles ficam quase que 3 meses e meio dentro da escola-campo. Então ficamos quase que o semestre todo desenvolvendo atividades dentro da escola.”
- **Professor 3:** “Dependendo do empenho do estagiário, pode variar de 40 a 60 horas. Cumprimos um terço da disciplina na escola.”
- **Professor 4:** “Tento fazer que eles fiquem 10 horas de regência e mais um período na escola observando, acompanhando, estudando mesmo a escola. Nossos encontros são realizados na própria escola, onde temos a discussão da observação didático-pedagógica.”
- **Professor 5:** “Eu trabalho muito pouco Estágio nos últimos anos, então eu não tenho muito certo isso não. É um tanto bom. É a maior parte da disciplina.”
- **Professor 6:** “De 40 a 60 horas.”
- **Professor 7:** “Eu gostaria que fosse um pouco mais, mas sempre digo pra eles que estamos em função da escola e não o contrário. Então é o calendário da escola, devemos nos adaptar a ele. Gira em torno de 60 horas.”

- **Professor 8:** “Varia muito e justamente varia devido a complexidade do ambiente escolar, porque não é um lugar comum. Tem um consenso de 10, 12, 14 horas para regência. Mas solicito ao estagiário que aproveite ao máximo para participar de outras atividades como correção de provas junto ao professor na sala dos professores, participar de alguma atividade da escola, pois tudo é processo formativo.”
- **Professor 9:** “Normalmente ele fica na escola campo de 6 a 8 semanas.”

Quando tratado da carga horária efetiva que os estagiários cumprem na escola-campo, houve uma variação significativa entre as respostas obtidas. Muitas em função de ter havido professores que responderam no sentido em que o aluno cumpre na sala de aula enquanto regente e outros responderam de forma geral, incluindo todas as atividades que ele participa na escola. Com base nos professores que responderam de forma concisa, a média se mantém entre eles, portanto os alunos ficam efetivamente na escola campo de 40 a 60 horas, sendo determinado pelo semestre que a disciplina for ofertada, como mencionado nas respostas. Isso reflete que menos da metade da carga horária total do Estágio Supervisionado é voltada pra dentro da escola-campo, seja ela para regência, atividades ou qualquer outro envolvimento com as atividades escolares. Isto não significa um ponto negativo, mas sim um ponto analisado que tem relação direta com a carga horária total da componente.

No que se refere às atividades realizadas pelos seus alunos na universidade para a preparação das aulas do Estágio sob a orientação dos professores orientadores, obtivemos o seguinte panorama:

- **Professor 1:** “Mesmo que o aluno já venha com uma bagagem de referencial teórico grande, eu gosto de iniciar com a tentativa de trazer alguns referenciais teóricos que tenham a ver com as questões que, de certa maneira, perturbam mais os estagiários e seus anseios. Faço uma preparação antes de entrarem na escola, porém a tentativa é de que eles entrem o quanto antes na escola para aproveitarem o maior tempo e estas atividades sejam realizadas em paralelo. E

essas atividades são orientadas individualmente, com foco no que ele está vivendo na sala de aula dentro da escola-campo.”

- **Professor 2:** “Geralmente nós temos um encontro aqui na UFU, utilizando bastante o LEN. Produzido recursos didáticos, materiais de apoio, planos de aula, então geralmente a gente se reúne aqui antes pra preparar todo o material antes de entrar na sala de aula.”
- **Professor 3:** “Fazemos uma discussão de alguns textos, ligados à própria ação docente, falamos sobre disciplina e indisciplina, assistimos um filme relacionado à ação docente.”
- **Professor 4:** “No início do semestre fazemos um aglutinado com informações relacionadas a planejamento, a avaliação, antes mesmo de se pensar qual conteúdo será desenvolvido na escola-campo. Serve também como um momento de aferir as expectativas e avaliações, para assim balizar o que iremos usar de conhecimento que o professor regente definiu pro grupo. E em paralelo cuidando da burocracia, como o termo de compromisso, dados da escola.”
- **Professor 5:** “Depende muito do tipo de Estágio. O último que eu ministrei foi um trabalho com outro professor, ainda no currículo antigo. Trabalhamos com atividades relacionadas a diversidade. Como não era necessariamente conteúdo biológico, foi feita toda a preparação desse material. Pegamos as temáticas que esses professores da escola-campo tinham pedido aos alunos, para eles escolherem qual assunto queriam trabalhar. Definiu-se as temáticas e todo esse trabalho foi realizado antecipadamente na universidade.”
- **Professor 6:** “Geralmente a gente faz estudos sobre o que é o Estágio, o que significa esse período na formação inicial. Aí tem a escolha da escola e nesse movimento de ida, é um diálogo muito grande com eles sobre as sensações que estavam se deparando. Os planejamentos era realizados de forma compartilhada, então a gente conversa muito sobre esse planejamento.”
- **Professor 7:** “Meu plano de ensino é muito flexível, porque depende do tanto de alunos e do calendário. Faço um resgate, um apanhado de todos os outros estágios. Eu tento que seja o mais dinâmico possível. Não é em termos de resenhas, textos. Se tiver tempo é feito um planejamento prévio. Esse semestre mesmo, não teve tempo. Então essa preparação foi muito mais curta.”

- **Professor 8:** “Então toda a preparação que era necessária, era realizada no LEN. Porém ministrei Introdução ao Estágio e não tinha intervenção de fato e sim reconhecimento do espaço escolar.
- **Professor 9:** “A princípio discutimos sobre as perspectivas do aluno sobre o Estágio, como ele gostaria que o mesmo acontecesse. Depois discutimos sobre o ensino de Ciências, fundamentado em alguns textos. Analisamos o conteúdo das séries e passamos a analisar os livros didáticos de maneira geral e finalmente os livros adotados pela escola-campo e principalmente o da turma que irão estagiar. Começamos finalmente a discutir a unidade que será desenvolvida na escola. Constituímos o grupo/série (alunos que irão estagiar na mesma série). Nesse momento é feita uma busca via *internet*, onde existem muitas sugestões de atividades interessantes e também de materiais didáticos voltados para atividades práticas. Fechando o planejamento, estão prontos para assumir as aulas da escola-campo.”

De modo geral, todos os professores entrevistados introduzem a componente em estudo realizando um resgate das matérias de cunho educacional que os licenciandos tiveram até ali. Após esse resgate já se inicia o contato com a escola-campo e em sequência o preenchimento dos termos de compromisso, sendo a parte burocrática, mas necessária, do processo. Alguns professores relatam que é feito planejamento das aulas com antecedência em reuniões prévias, confecção de materiais no LEN, sendo este momento fundamental para um bom desenvolvimento das atividades inerentes ao cargo de professor.

Em alguns casos, professores fazem uso de produções textuais, a fim de provocar e sondar as expectativas e possíveis sensações dos licenciandos com relação ao Estágio. Esta sondagem inicial é muito importante, pois a partir dela o orientador percebe algum medo, insegurança e consegue suprir e ajudar aquele professor em formação a superar.

Quando perguntados sobre **como é a receptividade da escola-campo em relação ao Estágio Supervisionado de Ciências e Biologia**, responderam:

- **Professor 1:** “A maior parte dos professores são bastante receptivos, porem neste semestre eu tive contato com alguns professores que não queriam trabalhar com estagiários. Acredito que estes professores tenham um receio de que não consigam cumprir o conteúdo ou não cumprir da forma como era desejado. Com as direções eu sinto que querem que os professores fiquem dentro das salas e isso de certa maneira incomoda os estagiários, gerando uma indisposição. Mas na maioria das vezes a receptividade é muito positiva.”
- **Professor 2:** “Até hoje eu tive muita sorte, porque a maioria das escolas nos receberam muito bem. E eu acho que isso é reflexo de como nosso estágio é conduzido, porque um diretor de uma escola falou pra mim que só estava abrindo as portas para os estagiários porque eu estava indo lá conversar, senão, se fosse os alunos, ele não iria autorizar, por n questões, entre elas a indisciplina, comprometimento e afins. As escolas sempre nos receberam muito bem, pelo menos as que eu fui, até hoje.”
- **Professor 3:** “Já faz 11 anos que trabalho com Estágio, então já passei por muitas escolas. E é incrível que quando, mesmo quando é uma escola que não conhecemos muito bem, a hora que você fala que é do Instituto de Biologia eles já falam: - Ah! Que bom! Eu já sei que o Estágio lá tem um funcionamento muito bom e que são muito organizados -, então, assim, a gente tem uma repercussão aí fora muito positiva. Isso é pela forma como a supervisão é feita, que é muito bem aceita pela escola-campo, porque a gente não cria problemas pra eles, pelo contrário, muitas vezes a gente acaba colaborando com algumas necessidades da escola, além de suprir a própria demanda do Estágio.”
- **Professor 4:** “No Estágio 3 de Biologia, eu tento fazer com que seja da melhor maneira possível. Contato com a escola, converso com todos os segmentos e tento agendar um momento em que todos possam receber nossos estudantes na forma de uma reunião, onde todos se apresentam e a direção coloca todas as normas administrativas e pedagógicas e aí vamos para um contato mais próximo com o professor regente.”
- **Professor 5:** “Na maioria das vezes é sempre muito bem recebido. Mas às vezes a gente encontra alguma dificuldade e depois a gente evita de ir naquela escola

ou tenta superar, mas como o nosso tempo é muito curto, as vezes não vale o esforço de ficar tentando em um lugar que não se dispõe a nos receber bem.”

- **Professor 6:** “Já tive de tudo. Escola que nos receberam extremamente bem, escolas que receberam mais ou menos, escolas que mudaram no meio do percurso, escolas que não quiseram mais a gente, escola que eu tive a dificuldade por mim, no sentido que a coordenadora pedagógica não gostou de mim porque achou que eu não tinha jeito de professora, que não me deixou entrar na escola, então de tudo que você imaginar. Mas na maioria, é uma receptividade de boa pra bem boa.”
- **Professor 7:** “Depende muito da escola. Tem escolas que são extremamente receptivas. Nos estamos em uma agora que é muito receptiva, os professores são ótimos e a direção nos acolheu muito bem. Eu não tenho passado por escolas que tenham muitas reticências não, por isso eu escolho com bastante antecedência. E eu costumo sempre alternar o campo de Estágio.”
- **Professor 8:** “Eu fico feliz porque eu percebia que as escolas, já naquela época, já estavam tranquilas em relação aos alunos da Biologia, porque ela percebe que os alunos são bem acompanhados, fazem um bom trabalho e têm uma boa conduta. E aí, as vezes, são mencionados pra nós algumas condutas de graduandos de outros cursos reprovadas pela escola-campo. Então não é só o elogio a Biologia que acontece, mas também a crítica aos alunos de outras graduações. Neste sentido, mais uma vez, a gente observa como que foi se construindo ao longo de mais de uma década uma concepção de Estágio sofisticada, bastante cuidadosa na escola, e vocês alunos da Biologia são ótimos.
- **Professor 9:** “O estágio da Biologia é muito respeitado em nossas escolas-campo. Muitas vezes somos convidados a levar nossos alunos para realizar o Estágio naquela instituição. Foi sempre assim, acho que nosso estágio começou bem. Atribuo isso ao fato de acompanharmos o licenciando na escola-campo.”

A receptividade geral das escolas-campo é sempre muito positiva quando relacionada ao curso de Ciências Biológicas do InBIO da UFU. O *feedback* recebido, aqui relatado pelos docentes, nos mostra que a construção, que foi feita pelo Núcleo de Educação do Instituto de Biologia, ao longo dos anos, tem parte fundamental nesta

reputação. Construção essa que deve, em boa parte, do acompanhamento dentro das escolas-campo. Esse movimento do orientador estar dentro da escola-campo, minimiza a distância que existe entre a escola de Educação Básica e a universidade. Não somente o Núcleo é responsável, mas também o licenciando de Biologia, que é um licenciando que assume a responsabilidade que lhe é conferida com a escola-campo, desempenhando um papel efetivo de professor.

Muitos professores orientadores relatam também que quando surge algum ruído, por parte da direção ou do próprio professor supervisor, esta escola-campo passa a ser evitada, uma vez que o tempo que se tem para o desenvolvimento do Estágio é curto para ficar tentando resolver e/ou eliminar as intercorrências.

Com relação **às atividades desenvolvidas pelos seus alunos estagiários na escola-campo**, responderam o seguinte:

- **Professor 1:** “Os alunos (estagiários) têm um período de sondagem, que é diferente do período de sondagem do Estágio I e II, porque eles precisam conhecer os recursos que a escola-campo disponibiliza. Depois disso a regência propriamente dita, que eu acredito que seja interessante que o aluno tenha o maior tempo possível de regência, que depende de negociação com o professor e com a escola e se possível participar do conselho de classe, reuniões.”
- **Professor 2:** “Basicamente trabalhamos com três fases: o estágio-observação, depois o estágio da própria regência e, geralmente, os estagiários estão sempre envolvidos em atividades da escola como um todo. Tem, por exemplo: sarau literário e os estagiários auxiliam, feira do conhecimento, que desenvolvida por todos os professores e eles auxiliam, entre outros. Qualquer atividade que a escola permita, eles estão participando.”
- **Professor 3:** “No Estágio Supervisionado I, que estou trabalhando, depois das discussões na universidade, o aluno começa com o projeto ‘Conheça a Escola’, conhecendo a escola em toda sua plenitude, me entregando em forma de narrativa; em seguida passam para o Estágio-Observação Pedagógica e a partir disso, desenvolvem um nova narrativa para me entregar. E depois a atividade

extraclasse, que como previsto na ementa, os alunos desenvolvem uma atividade no contraturno e culmina com o encerramento em um espaço não formal.”

- **Professor 4:** “Relacionado à atividade de observação didático-pedagógica, eu peço que eles reconheçam os espaços mesmo, biblioteca, conversando com as bibliotecárias, vamos saber que dinâmica acontece naquele espaço, o que aquele espaço tem a oferecer pro estudante e pro professor e saber como o professor utiliza aquele espaço, mas também outros espaços como direção pra entender como funciona para assim conhecer o trabalho do outro, a outra parte é conhecer os espaços onde eu posso ensinar Biologia ou Ciências, se tem laboratório, jardim, se usa, como funciona, qual a burocracia da escola para se utilizar esses espaços; enquanto isso está acontecendo, estamos desenvolvendo o conteúdo que o professor passou para ser ministrado nesse mês, um mês e pouco que foi acordado como período de regência do estagiário.
- **Professor 5:** “São das mais diversas possíveis: minicursos, palestras, oficinas, levam os alunos em outros espaços não formais de educação. Então a ideia é que ele possa diversificar ao máximo a formação inicial dele.”
- **Professor 6:** “Depende muito do semestre, porque já pegamos muitos semestres com greves nas escolas ou greve aqui na universidade. Nesses períodos a gente não conseguia a aula de fato. A gente já fez intervenções, que não foram aulas, mostra científica, atividades em praças, museu, parque. Das aulas efetivas, foram tanto práticas quanto teóricas. Reavivamento de laboratório.
- **Professor 7:** “Basicamente ele é o regente da turma. Ele planeja como professor. Geralmente o professor regente fala até onde ele irá, a pontuação que ele vai distribuir e isso é importantíssimo pro estagiário se situar e isso é feito em um primeiro encontro. Quando eu tenho a oportunidade, eu trago o professor aqui antes. Então é basicamente o planejamento com o professor e o desenvolvimento das aulas.”
- **Professor 8:** “Na época em que ministrei Introdução ao Estágio, não havia ação escolar, havia conhecimento do ambiente escolar, eu ia até a escola e ficava ali com os alunos. Então até mesmo tomar merenda com os alunos eu orientava meus alunos a participar. Eu gostava que eles ficassem dentro da sala dos professores para que eles conheçam mesmo o ambiente escolar.”

- **Professor 9:** “Observação da escola; reuniões com a direção, supervisão e professores; reuniões de planejamento com os professores regentes; visita à biblioteca; observação da vida da escola-campo; observação das aulas de Educação Física; recreio; horário do lanche; Estágio observação e Estágio regência, aplicação de testes e/ou provas; participação de atividades que a escola esteja desenvolvendo como feiras, gincanas; oferecimento de mini cursos.”

As atividades desenvolvidas na escola-campo obedecem ao que está disposto na ementa do curso, conforme exemplificado no “Referencial Teórico”. Cada etapa do Estágio Supervisionado na UFU é desenvolvida um tipo de atividade.

No Estágio Supervisionado I, temos o contato com o ambiente escolar e o desenvolvimento de atividades como minicursos, oficinas, palestras, visitas a praças, museus e locais de formação não formal de educação.

Já no Estágio Supervisionado II, os licenciandos têm contato com o ensino fundamental, ou seja, alunos de sexto a nono anos, no qual desenvolvem efetivamente a docência, desenvolvendo materiais didáticos, planejando aulas, metodologias, e ministrando as aulas que lhes foram concedidas.

E no Estágio Supervisionado III, o ensino médio é o objeto de estudo da componente. Aqui os licenciandos desenvolvem as atividades inerentes ao cargo de professor também, mantendo sempre a supervisão do professor orientar e do professor supervisor, com seus planos de aula antecipados para apreciação de ambos, desenvolvimento de materiais para as aulas e a ministração das aulas de fato.

Percebemos nitidamente pelas respostas dos professores que a ementa do curso é seguida dentro de seus moldes, porém cada professor orientador tem uma forma diferente e trazem suas marcas pessoais na condução do componente, tornando o aprendizado sempre ímpar para o estagiário.

Questionados sobre **como são realizados os acompanhamentos de seus alunos estagiários na escola-campo**, os professores orientadores responderam:

- **Professor 1:** “Neste semestre os acompanhamentos no Estágio III, eu acompanho os alunos nos horários regulamentares da disciplina na escola-

campo. Dividindo meu horário com atendimentos individuais de 30 minutos nas escolas-campo.”

- **Professor 2:** “Eu estou praticamente todos os dias em que há estagiários na escola-campo e ainda um dia é destinado ao nosso encontro aqui na universidade para a preparação de material e o restante eu acompanho os estagiários desde a hora que eles chegam até a hora que vão embora. Inclusive a gente acaba indo em dias que não são da disciplina.”
- **Professor 3:** “Então, o acompanhamento, acaba sendo feito bem de perto. Em todas as aulas de minicurso eu estou presente, fico passando de turma em turma, dando suporte a todos eles.”
- **Professor 4:** “A minha participação hoje é basicamente de ficar presente, conversar e reunir o grupo nos intervalos. E nesse momento de regência é que eu vejo o movimento dele (estagiário) dentro da escola, como está se comportando, porque o pátio é um movimento muito importante e nesse momento eu observo se ele interage com os professores, socializa com os alunos e isso eu gosto muito de acompanhar.”
- **Professor 5:** “Acompanho principalmente no início pra apresentá-los na escola-campo e dependendo do coordenador tem uma certa rigidez, a gente tenta acompanhar pra que os alunos façam tudo de acordo com as normas administrativas, como: reservar biblioteca, sala de vídeo, informática. E depois as aulas em si, é uma ou outra que a gente acaba acompanhando, principalmente quando ocorrem fora da escola ou um minicurso ou qualquer atividade diferente.”
- **Professor 6:** “Geralmente eu fazia reuniões com eles, daí eu escolhia um dia e ia pra escola e a gente se reunia pra falar de como foi a aula, das sensações, do que está acontecendo. Então eu não chegava a ir com o estagiário pra sala de aula mesmo. Mas tinha essa interface, principalmente na sala dos professores, no laboratório, de pelo menos uma vez por semana.”
- **Professor 7:** “Eu acompanho de três formas. Uma delas é um diário virtual, que é uma narrativa de tudo que ele faz na escola, porque eu não estou dentro da sala. Não gosto de entrar dentro da sala de aula porque atrapalha a dinâmica dele com a turma. Então tem dias que eu concentro pra tentar encontrar o maior

número deles na escola e quando não dá, divido em dois dias. Temos o encontro semanal aqui na universidade. E fico alternando entre atendimento aqui e na escola-campo. Mas eu gosto de dar a maior autonomia possível pra eles.”

- **Professor 8:** “Eu ia até este ambiente para conversar com eles, porque o *tête-à-tête*, ouvir, argumentar, é muito importante. E faz parte da ação de acompanhamento do Estágio.”
- **Professor 9:** “Acompanho o aluno para apresentá-lo ao corpo docente da escola-campo. Participo com eles de várias reuniões deliberativas com a direção/supervisão e principalmente com os professores supervisores. Durante o período em que estão na escola, compareço nos horários da disciplina. O objetivo de minha presença é dar um suporte ao estagiário. As escolas-campo em sua maioria são muito complexas, problemas acontecem a todo momento e o aluno por não fazer parte daquele contexto não sabe resolver. Discuto com eles antes de irem para a sala de aula, dando algumas orientações e converso no final das aulas dadas sobre o ocorrido. Esse é um momento de intensa aprendizagem, em que discutimos a aula, problemas com as turmas no momento em que ocorrem. Em algumas escolas, como é o caso da ESEBA, nossa presença não é tão necessária, porque as professoras fazem esse papel discutindo com o estagiário a plausibilidade de suas propostas, problemas no encaminhamento das atividades, como contornar problemas de disciplina, desinteresse dos alunos e outros.”

As reuniões com os estagiários é o método de acompanhamento unânime entre os professores entrevistados. Visitas nas escolas-campo para tais reuniões também foi mencionado por alguns dos orientadores e outros ainda mantêm atendimentos individuais com os estagiários para orientações e compartilhamentos.

Este acompanhamento é importante devido à necessidade que o estagiário tem nesta fase de sua graduação e nesse momento de formação inicial. Então a presença continua do orientador, dá confiança ao estagiário.

Foi levantando, pelo Professor 9, a importância do trabalho que a escola-campo ESEBA desenvolve junto aos estagiários, pois, como relatado, a relação professor

supervisor e estagiário é intensa , acontecendo naturalmente, e isso é de grande importância para o crescimento deste estagiário em sua formação inicial.

Já quando perguntados sobre **qual o papel do professor supervisor da escola-campo no Estágio de seus alunos**, foi demonstrado o seguinte:

- **Professor 1:** Não respondeu sobre o que foi perguntado.
- **Professor 2:** “Eu acho que é um papel muito importante, porque aquele professor está vivenciando a realidade nossa (do ser professor na atualidade), com relação à Educação Básica, então, ele melhor do que nós pra compartilhar com nossos estagiários os anseios, as expectativas, então é uma parceria muito importante.”
- **Professor 3:** “Então, eu acho que o papel do professor é muito importante, porque seria aquela proposta de que ele pudesse trocar experiência com o estagiário. Mas o que eu tenho percebido é que na maior parte das escolas, isso não acontece. Não sei se é meio cultural da escola ou se o próprio processo do professor que está sobrecarregado, mas o que eu tenho notado é que quando ele recebe um estagiário, ele sente como um momento que ele tem pra descansar. Então se a gente não estimula essa interação entre o professor e o estagiário, ela muitas vezes não acontece.”
- **Professor 4:** “Eu cheguei na prática de ensino há 17 anos e esta é uma questão que está sempre presente. Porque nós vamos pra escola-campo. Chegamos lá, somos recebidos, porém o professor que recebe se sente intimidado com a presença do orientador do estágio. Eu tento mediar uma relação entre eles e ficar um pouco afastada, mas ainda assim o supervisor não tem muita segurança no papel dele.”
- **Professor 5:** “O papel dele é fundamental. Se ele está presente o Estágio tem um ritmo, se ele não está presente o Estágio tem um outro ritmo. Às vezes, dependendo do professor, pode até atrapalhar. Mas quando é um professor que você já tem contato e sabe que ele é aberto e que não vai tolher, que ele vai entender que aquela pessoa está em formação inicial e pode errar, e que deve errar, porque é assim que aprende por muitas vezes, eu acho que é muito bom.”

- **Professor 6:** “A minha ação sempre foi envolver, desde o momento que a gente chega na escola pra solicitar a cessão do Estágio, o contato com o professor regente. E aí da mesma forma da receptividade da escola, a gente também tem uma receptividade muito variável desses professores por inúmeras questões, pela complexidade da própria ação docente, por não compreender muito bem o que é aquele estagiário ali na escola. Nos últimos quatro semestres eu já estava entendendo essa relação. Eu já levava essa proposta de acolhimento, no tipo de sentar em roda, do professor falar da história de vida dele, dos desejos que ele tinha e tentar lembrar junto com os estagiários o que foi este momento de início da carreira. E aí eu acho que a gente conseguiu mais por essa parte da afetividade um vínculo maior dos professores e que isso dava força pro estagiários lá dentro.”
- **Professor 7:** “É um papel bem importante. Por isso que geralmente sou cuidadosa na escolha. Porque ele orienta de lá. Ele já conhece os alunos da escola-campo, conhece o material, conhece principalmente a capacidade, vamos dizer assim, de desenvolvimento do conteúdo naquela sala, por exemplo: os estagiários querem uma coisa *over*, ele vem e fala: não dá. Ele faz o ajuste fino lá.”
- **Professor 8:** “O primeiro critério que a gente entende é o acolhimento da direção e quando isso acontece, a gente já fica mais tranquila. Logo após é o acolhimento do professor. Quando acontece ‘bem’, digamos assim, a gente fica bastante tranquilo com o que poderá acontecer. Mas intercorrências podem acontecer por se tratar de uma atividade de natureza complexa.”
- **Professor 9:** “O papel do professor da escola-campo é o de parceiro na formação de novos professores. Oferece-nos sua sala de aula como laboratório para nosso licenciando. Desorganiza sua programação para nos receber. Oferece sua experiência para nosso aluno. Recebe nosso aluno com paciência e o orienta, sentindo-se responsável pela formação de novos professores.”

Todos concordam e entendem a fundamental importância que o professor regente e/ou professor supervisor tem na formação dos licenciandos. Campo de estudo

específico, essa relação foi evidenciada por vários docentes como fundamental, porém delicada no sentido de conseguir que essa relação aconteça de fato.

O Professor 6, menciona em sua entrevista, que ao longo dos anos, percebeu que precisava tocar no campo da afetividade para alcançar o objetivo de produzir a relação do estagiário com o supervisor, pois como o Professor 7 comentou, o professor supervisor é o responsável pelo ajuste fino lá na escola-campo, é ele que tem a função de avaliar e conduzir o desenvolvimento do estagiário dentro da escola-campo. E o interessante é que este é o momento que o estagiário tem para conversar e entender como aquele professor supervisor chegou ali, o que ele passou na sua formação, quais foram seus anseios na época, entre várias questões que surgem, conforme o Professor 6 relata. O Professor 2 ainda levanta a questão de que é o professor supervisor que vive a realidade da educação básica, então ninguém melhor do que ele para passar toda sua experiência ao estagiário, e aí voltamos no ajuste fino que só o professor supervisor é capaz de fazer.

Foi perguntado também sobre **como é feita a avaliação do aluno-estagiário**. E as respostas obtidas foram as seguintes:

- **Professor 1:** “No Estágio III, são avaliados um relato inicial, uma avaliação do processo e o processo de avaliação final é dividido em auto avaliação, avaliação aos pares e apresentação de um portfólio, trazendo uma reflexão sobre o que aconteceu e o que é preciso melhorar.”
- **Professor 2:** “A gente trabalha muito com relatórios. Até esse preparo dos planos de aula, de materiais, de recursos didáticos, isto já é parte da própria avaliação e também com auto avaliação. Tenho trabalhado relatos de experiência, que depois os alunos acabam divulgando em eventos da UFU e já tive alunos que publicaram em revistas boas esses relatos de experiência.”
- **Professor 3:** “Como esse acompanhamento é feito de perto, eu acabo tendo uma avaliação pela própria observação da participação do desempenho dele na escola. Então é todo o envolvimento com as propostas, o cumprimento daquilo que foi planejado, o horário, o esforço no relacionamento dentro da escola com os professores e alunos e existe um outra parte da avaliação que é feita em

grupo, já que os minicursos são feitos em grupos. Porém como eu acompanho de perto, acaba que eu vejo o desenvolvimento individual, facilitando a minha avaliação final.”

- **Professor 4:** “Eu sou tradicional (Risos). Eu gosto de documentos. Documentos são formas de treinar a escrita. Eu ainda trago a perspectiva do relatório. São feitos registros ao longo de todo o período do estágio que vai auxiliá-lo na confecção do relatório no final.”
- **Professor 5:** “É muito complicado você avaliar, porque nem sempre a gente estará lá na sala avaliando. Eu já fiz muito esse tipo de avaliação. Houve uma época que minha avaliação era muito pautada, por exemplo, se aluno sabia problematizar, se levava exemplos, se levava contraexemplo, como que ele avaliava os alunos. Eu tinha uma tabela com todos os critérios e entrava em sala por sala, aluno por aluno e fazia. Eu acho que hoje não é necessário. Hoje faço muito a autoavaliação, e a avaliação do grupo. Também costumo pedir portfolio, *e-book*, alguma mídia, e ali aparece sempre o que realmente aconteceu.”
- **Professor 6:** “Eu mantinha uma relação muito próxima com esse estagiário, então a gente acabava se vendo muito, então era uma avaliação muito próxima. Tanto que as produções do relatório, em formato de narrativa, viraram textos publicados, então vem desse olhar de uma avaliação realmente de entrega pro Estágio, em todos os sentidos.”
- **Professor 7:** “Minha avaliação é muito subjetiva, por isso ela é cheia de critérios. Eu produzo uma planilha e nesta planilha tem critérios e eu vou preenchendo ao longo do semestre. E esses critérios tem muito a ver com as narrativas que eles me mandam, com o que o professor fala deles, sobre o que eles falam dos alunos e do professor, com o planejamento e o material que eles colocam em sala de aula.”
- **Professor 8:** “Ela era contínua oral no sentido de estar ali sempre conversando e eu sou um professor assim, eu gosto quando o aluno segue as minhas orientações, naquele momento da conversa. Isso pra mim é importante. Eu sei a natureza da minha conversa com ele, então se ele menospreza aquele momento, isso pra mim é uma falha. Eu valorizo muito a minha ação pedagógica. Então esse momento de conversa, é um primeiro momento de avaliação. E no final tem

um momento textual, escrito. Nada a ver com produção de artigo, nem memorial.”

- **Professor 9:** “A primeira coisa que falo para o estagiário é que a avaliação do Estágio vai olhar mais o processo do que o produto. Distribuo parte dos pontos para autoavaliação, outra parte é para o professor supervisor, da escola-campo atribuir. Na parte que me cabe, avalio o comprometimento do licenciando, a responsabilidade, a colaboração, a pontualidade e a assiduidade nos encontros.”

Quanto à avaliação dos estagiários por parte dos orientadores, ela é feita de forma variada pelo Núcleo de Educação, porque temos professores que atribuem suas notas a partir do acompanhamento contínuo com seus alunos, outros por produções textuais, sejam elas relatórios, textos em formato de artigos, resenhas, alguns optam por apresentações em forma de portfólio ou *e-books* e ainda algum outro formato de mídia, e ainda boa parte dos professores utilizam a autoavaliação dos estagiários para compor a nota atribuída a eles.

Cada uma das formas de avaliação é feita segundo critérios que cada docente estabelece a partir de suas percepções sobre a componente curricular. Porém, todos mantêm o que, desde a Lei Federal, passando pela LDBEN, por resoluções do MEC, por determinações da própria UFU, até a atual ementa do InBIO, determina, como carga horária mínima e o que deverá conter na etapa em questão, além da parte documental, chamada de burocrática por alguns dos docentes.

Foi questionado ainda aos professores orientadores do estágio no InBIO, sobre **quais são as principais dificuldades na condução da componente curricular em estudo que o professor orientador enfrenta**. E as respostas que obtivemos foram:

- **Professor 1:** “Posso resumir nos imprevistos que acontecem ao longo do Estágio.”
- **Professor 2:** “A maior dificuldade é tentar ajustar os dias e horários do Estágio com as aulas de Ciências das escolas-campo com as disciplinas que os alunos-estagiários estão fazendo naquele período, essa é nossa maior dificuldade.”

- **Professor 3:** “A dificuldade maior que eu tenho é quanto a relação que os alunos tem entre si. Essa coisa de trabalhar em grupo, acaba sendo muito difícil.”
- **Professor 4:** “Ainda continua sendo o conflito de horários. Nosso Estágio Supervisionado está lá na grade muito bem representado e por mais que a gente tente explicar isso pro licenciando, ele se matricula na disciplina querendo fazer nos horários que estão na grade, mesmo você explicando que o cumprimento deve ser realizado nos horários da escola-campo. Então esse é meu grande problema hoje.”
- **Professor 5:** “A minha principal dificuldade na condução da disciplina são as burocracias. Eu sou péssima com isso. Não acho que burocracia impede. É necessária, porque o estagiário precisa ter seguro e tudo mais, mas eu tenho muita dificuldade com isso.”
- **Professor 6:** “Acho que a principal dificuldade que eu tinha era quando eu dividia (a componente curricular) com alguns colegas que tinham entendimento outro do Estágio. Então, assim, eu acho que o Estágio é um momento do estagiário, da formação dele. Então o desejo tem que ser dele, a conquista tem que ser dele, os problemas tem que ser dele, tudo dele. Eu me vejo ali como uma problematizadora, uma provocadora, para que a gente possa juntos enxergar coisas que sozinhos, ele não daria conta.”
- **Professor 7:** “Só o tempo. Nenhuma dificuldade, assim, maior. Nenhuma, nenhuma. Porque eu respeito todo tipo de pensamento dos meus alunos.”
- **Professor 8:** “Talvez uma pequena dificuldade com a indisciplina dos alunos(da Universidade). No sentido de que a escola oscila muito os horários e dispensa dois três horários mais cedo. O estagiário chega e não tem nada mais, os alunos da escola-campo já saíram. Coisas do tipo.”
- **Professor 9:** “É muito difícil para o orientador do Estágio encaixar todos os licenciandos nos horários que a escola-campo disponibiliza, uma vez que esses licenciandos aproveitam o períodos do Estágio para cursar optativas, para puxar disciplinas e para cursar disciplinas nas quais foi reprovado em semestres anteriores. Então a dificuldade no Estágio é dentro das disponibilidades do aluno arrumar uma turma na escola para ele realizar seu estágio para que ele possa estagiar. ”

Dentre as dificuldades citadas pelos professores, uma foi comentada por mais de um docente, e está relacionada ao conflito de horários entre as atividades do estagiário na escola e os compromissos que ele assume na Universidade no período do estágio. O estágio é lançado na grade horária em horários definidos. Entretanto os professores do estágio explicaram que para o estagiário acompanhar uma única turma ele precisa de mais disponibilidade horária, pois a disciplina Ciências e Biologia segundo os professores tem 3 ou 4 aulas distribuídas em dias da semana que as vezes não coincidem com os horários da disciplina na UFU. E nessa questão, dependemos da escola-campo e não o inverso. Essa situação foi apontada como a principal dificuldade enfrentada pelo professor da disciplina.

Outro fator complicador, mencionado por mais de um docente também, é o fato de lidar com os imprevistos. Na maioria das vezes os imprevistos causam certos desconfortos para com os estagiários e professores orientadores. Um dos exemplos, citado na entrevista foi, o estagiário se desloca para a escola-campo e chegando lá, alteraram o horário e ele não tem como ministrar sua aula.

Foi questionando aos professores orientadores **se o Laboratório de Ensino de Ciências e Biologia, o LEN, favorece o desenvolvimento do Estágio**, a resposta foi:

- **Professor 1:** “Creio que sim. O LEN é um espaço muito bem desenhado e mesmo em um momento de crise ele dispõe de materiais que dão suporte para os estagiários. Faz ele pensar além do que tem disponível nas escolas-campo. É bom que ele conheça os recursos.”
- **Professor 2:** “Muito! Muito! (Ênfase) A gente tem esse acervo todo do LEN, todo esse suporte que ele dá para os alunos e que os alunos podem utilizar é fundamental. Na minha formação eu nunca tive uma orientadora direito, uma supervisora e muito menos um LEN. E hoje eu vejo a diferença que o LEN faz na formação. É importante que o estagiário saiba da realidade da escola-campo, mas que eles tenham acesso aos recursos do LEN para visualizar assim, novas metodologias e ver que essas facilidades auxiliam no dia a dia da sala de aula.”

- **Professor 3:** “Sim, gosto muito do LEN. É um espaço, um laboratório que nos fornece vários recursos, vários materiais, várias possibilidades, a própria estrutura física acho bem legal com aquelas mesas grandes. Mas uma coisa que eu tenho questionado muito desde um tempo atrás é o fato de não podermos emprestar o material pro estagiário. Eu entendo as justificativas que são dadas, mas eu entendo que o Laboratório de Ensino é um espaço para o estagiário usar nas suas aulas, então, por exemplo: não adianta você ter um monte de recursos didáticos dentro de um armário se o aluno não pode levar um jogo, um modelo pra ser usado na escola. Então eu acho que essa é uma das normas dentro do LEN que poderíamos repensar. Mas da estrutura geral, nós temos um grupo que nos atende, duas técnicas que procuram organizar o espaço e todo material que a gente necessita.”
- **Professor 4:** “Eu acho que sim. Conhecendo um pouco das outras instituições, eu acho que o LEN realmente oferece uma estrutura importante, às vezes somos questionados, inclusive por professores da Educação Básica: . – Ah, ele vai se formar, mas não vai ter essas condições. – E eu sempre digo que ele precisa ser formado nas condições (Ênfase), porque depois ele busca por elas. Porque se você desconhece as condições, você nunca vai procurá-las. E essa é a minha expectativa.”
- **Professor 5:** “Muito! Eu já dei aula quando não tinha LEN. Então a gente tinha um espaço minúsculo, pra poder preparar as aulas. E não tinha nada. Tudo era comprado pelos alunos. A estrutura do LEN é muito, muito boa. Além de todo apoio de material, próprio espaço, que é grande, são dois LEN’s. E uma das nossas regras de não poder emprestar, prejudica também. Porque senão vai ficar fazendo material, material e onde vai caber?”
- **Professor 6:** “Eu acho que já favoreceu mais. Eu tenho dificuldade com essa coisa do acesso. Pra mim, quando a gente tranca as portas, a gente não permite o empréstimo, eu estou desconfiando do meu aluno, futuro professor que eu estou formando. Então eu acho isso extremamente complexo. Já tivemos altos debates sobre o assunto e todos sabem do meu ponto de vista. Acho que todo o contexto deveria ser revisto.”

- **Professor 7:** “A estrutura do LEN favorece sim. É uma estrutura boa, nós temos bons equipamentos, nós temos um material de apoio muito bom. É importante.”
- **Professor 8:** “A estrutura do LEN é espetacular. Conta com duas técnicas muito capacitadas, com os laboratórios muito bem equipados. Tem um espaço, um tamanho para acolhimento fantástico. Ajuda muito a gente a trabalhar.”
- **Professor 9:** “Favorece muito. Temos dois LEN’s, um no bloco D e outro no bloco E. O LEN foi uma grande conquista do nosso grupo. Lá temos livros didáticos, livros com sugestões de aulas práticas, a coleção da revista Nova Escola com números bem antigos até os atuais. Temos jogos construídos pelos alunos, material de papelaria para ser utilizado na preparação da aula. Temos microscópios, lupas, modelos anatômicos, vidrarias que podem ser levados para as escolas-campo do Estágio. Computadores auxiliam na preparação das aulas e o data show facilita o trabalho do professor da disciplina. A organização espacial do LEN, bem como o suporte dados pelas técnicas torna o ambiente extremamente frutífero e agradável.”

Os docentes, em sua maioria, concordam que o LEN é um excelente espaço físico, muito acolhedor, que favorece o desenvolvimento do Estágio Supervisionado. O Laboratório de Ensino de Ciências e Biologia apresenta-se como um espaço fundamental para o desenvolvimento das atividades de ensino e pesquisa voltadas para a formação docente, atendendo principalmente aos professores e alunos do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Sendo assim, constitui-se em um dos principais suportes para as atividades de disciplinas pedagógicas, assim como os professores apontaram.

Porém alguns professores entrevistados apontaram uma crítica em comum ao espaço: a dificuldade de utilização dos materiais pelos alunos (Professor 6). Estes docentes questionam sobre a necessidade de se trancar as portas dos armários (Professor 6) e o porque não poder realizar empréstimo do material didático disponível (Professores 5 e 6). Sabemos que um dos grandes motivos para a atitude adotada pelo LEN, é devido ao fato de que alguns alunos retiravam materiais e não devolviam. Um sistema de empréstimo que garantisse a devolução do material poderia resolver esta questão.

Na pergunta “**Você acha importante a sua presença na escola-campo do Estágio?**”, os professores orientadores demonstraram que:

- **Professor 1:** “Acho importante, porque estando dentro da escola nos atendimentos eu vejo o que acontece, vejo uma reunião, posso interceder em um desentendimento do professor supervisor e do estagiário e eu consigo saber o que está rolando na escola, pra assim fazer essa mediação.”
- **Professor 2:** “Extremamente importante, porque os estagiários confiam muito na gente, então em algum momento de medo ou dificuldade, eles vão vir até nós, que estamos ali, que já sabemos, que já conhecemos um pouco.”
- **Professor 3:** “Eu acho fundamental por vários motivos, principalmente pelo fato de conseguir organizar pro estagiário que as coisas aconteçam conforme o planejado e se o estagiário for ficar resolvendo os entraves burocráticos perde muito o tempo que já é restrito. Então a presença do professor orientador ali facilita todo o intermédio junto à escola-campo, além de que facilita da gente fazer a avaliação continuada dos estagiários.”
- **Professor 4:** “Eu acho, mas as vezes sinto que o estagiário não acha muito interessante, mas em vários momentos eu percebo que ele gosta. Percebo a segurança da equipe administradora da escola com nossa presença, sinto muito os colegas, professores de Biologia, que também gostam desse momento, que é o momento que a gente troca experiências.”
- **Professor 5:** “Eu acho. Eu acho que isso dá muita força pro estagiário. É trabalhoso, porque temos que vir aqui e ir nas escolas, mas é muito importante. Tanto pra administrar os conflitos, ajudar, como para dar um apoio para a escola.”
- **Professor 6:** “Depende da escola-campo. Teve vezes que minha presença foi péssima, porque em uma escola a coordenadora pedagógica desenvolveu um ódio para comigo, que eu não sei o que foi e ela começou a repassar isso para os estagiários. Ela tirava os estagiários de sala de aula, desautorizava eles, vivia dizendo coisas baixas ao meu respeito. Então nessa escola, minha presença foi péssima para os estagiários. Aconteceu algo semelhante em outra escola, mas

saímos a tempo. Porém em todas as outras, e eu peguei muitas turmas de Estágio, sempre foi muito respeitoso, tinha uma coisa muito bacana de troca com a gente enquanto professor da universidade e os professores da educação básica e estar sempre próxima dos estagiários.”

- **Professor 7:** “Acho. Apesar de que, com as alternâncias, fica complicado. Olhar qual dia tinha mais estagiários pra ir, mas acho importante sim, porque é meu momento de conversar com eles e com o professor. E esse momento é fundamental para estabelecer novas coisas, o que pode ser melhorado.”
- **Professor 8:** “É a natureza do processo de formação no Estágio que evidencia a importância do papel do professor em orientar, tanto na escola-campo quanto na universidade. A escola é um lugar de altíssima complexidade onde nos surpreendem a todo momento e vocês alunos, tem uma formação de conteúdos, de metodologias, mas vocês são jovens e precisam desse acompanhamento bem de perto que eu não posso delegar a sorte de qual professor vocês vão pegar na escola-campo. Seria uma irresponsabilidade. É o momento que vocês mais precisam de nós.”
- **Professor 9:** “Muito importante, considerando que a escola de Educação Básica é outro espaço com regras próprias. Nossa presença dá suporte ao estagiário para que ele viva uma experiência agradável e se entusiasme com a docência. Desde o início do curso temos essa conduta de estarmos na escola-campo, com os estagiários o que torna o nosso Estágio muito valorizado pelas escolas-campo na cidade. A presença na escola-campo é planejada de forma diferente por cada professor orientador, mas essa presença é de fundamental importância para que a experiência do licenciando seja agradável e frutífera.”

Segundo o Professor 8, “é a natureza do processo de formação no Estágio que evidencia a importância do papel do professor em orientar, tanto na escola-campo quanto na universidade.” Neste ponto entramos em uma discussão onde todos os professores orientadores concordam ser de extrema importância sua presença na escola-campo tanto para fazer a ligação com a direção ou alguma instância do administrativo, como para encurtar os caminhos desconhecidos pelos estagiários, pois aquele espaço ali

é novo, como para ajudar no auxílio de eventuais problemas, enfim, os estagiários podem ver nele um “porto seguro”.

Porém, temos uma discussão recente que pretende mudar a forma como os orientadores conduzem o Estágio Supervisionado. Segundo documento do CONSUN-UFU há um movimento que propõe mudanças impactantes sobre a forma como Estágio Supervisionado é realizado dentro do InBIO. A mudança vai totalmente contra o que os professores realizam. A mudança sugere

que apenas a carga horária teórica seja computada no desenvolvimento das atividades, o que quer dizer que o Estágio Supervisionado sendo uma componente 100% prática, não caracterizaria como carga horária efetiva (ADAPTADO RECURSO CONSUN-UFU/2017).

Isso se reflete da seguinte maneira, o professor precisa de um mínimo de carga horária, e uma vez determinado que esta carga horária deva ser teórica, o professor fica impossibilitado de desenvolver atividades outras fora do âmbito da universidade, o que geraria um prejuízo imensurável para a formação inicial do licenciando, seja ele em qual curso estiver. É uma discussão ampla que deixo como uma das sugestões de temas para trabalhos futuros.

Quando perguntados sobre **como seria a organização ideal do Estágio na concepção do professor orientador**, obtivemos diversas respostas, como:

- **Professor 1:** “Vou voltar nas minhas dificuldades. Então seria ideal ter contratos bem firmados com as escolas-campo pra gente saber exatamente as possibilidades de desenvolvimento do Estágio. Confesso não saber como fazer isso hoje. Creio que tenho um vislumbre que seria interessante o estagiário passar por instituições estaduais, municipais e particulares, passando por diferentes experiências. Mas também é uma coisa a se pensar em como fazer.
- **Professor 2:** “A organização estaria muito relacionada com a questão do estagiário conseguir direcionar sua carga horária para o Estágio. Por exemplo: na grade dos últimos períodos estão somente os Estágios II e III e o Trabalho de Conclusão de Curso, e o alunos sendo aprovados em todas as disciplinas até ali, ele teria isso pra fazer, é o ideal.

- **Professor 3:** “Na verdade quando se fala em ideal eu penso em como ele é hoje em dia. Não é querer jogar confete no que nós temos feito, mas eu costumo contar que eu venho de uma universidade onde eu me formei em licenciatura sem nunca ter ido para uma escola. Então eu acredito que na forma como nós fazemos aqui, do aluno vivenciando a escola de forma prática, que é enorme pro nosso Estágio e que é o que é pedido pelo MEC, isso valoriza muito nosso trabalho. E eu acredito plenamente que nossos alunos têm uma formação muito boa, por conta dessa dinâmica que vem sendo feita.”
- **Professor 4:** “Bom, primeiro: nós teríamos que ficar mais tempo na escola-campo. Teríamos que tentar levar o Estágio lá para o último período mesmo, onde o estagiário não vai estar veiculado a outras coisas e que ele entenda que ele está ali, naquele momento de imersão, então ele não vai ficar preso a disciplina nem ao bacharelado. Além disso, seria que a gente tivesse esse diálogo com o professor regente de forma mais intensa, estimulando ele ser mais participativo.”
- **Professor 5:** “Seria que os professores, não só os de Biologia, mas geral, pudessem parar para ouvir a proposta do Estágio e dar opinião e discutir o que pode ser feito. Daí com isso eu acho que teria um crescimento, tanto pra escola-campo quanto para a universidade.”
- **Professor 6:** “Eu acho que o Estágio deveria ser criado por eles, pelo desejo do estagiário. Tem as ações burocráticas, carga horária pra cumprir, então tá bom. Isso a gente (coordenador) faz. E fora isso é o que a gente pode construir em conjunto. Eu acho que essa é a organização ideal que eu penso. Que tivesse esse respeito ao desejo do estagiário.”
- **Professor 7:** “Nós aqui temos uma organização que falta pouco pra ser o ideal do Estágio, na minha opinião. Porque quando eu olho a estrutura de outros cursos e vejo a dificuldade dos estagiários, eu acho sim que nós estamos um passo a frente e isso se reflete nos professores que saem daqui, no que a gente escuta falar desses professores e como eles desempenham as aulas deles depois, e esses acabam acolhendo futuros estagiários.”
- **Professor 8:** “Seriam as ‘escolas clínica’, que seriam ambientes nos quais a escola foi construída ou ajustada para ser um ambiente de formação de

professores. Então existem salas específicas, privadas, onde os orientadores da universidade encontram com seus orientandos antes, durante e após essas ações. São concepções que respeitam o tempo de formação. É como se tivesse uma nova função para a escola. Sei que não é um elemento que consigamos atingir aqui no INBIO, embora já façamos um trabalho bastante próximo do ideal.”

- **Professor 9:** “A organização do Estágio no curso de Biologia é uma organização, no meu ponto de vista, ideal. Ela permite a cada professor encarregado da disciplina dar o seu toque especial sem perder a qualidade. O Estágio Supervisionado no curso de Biologia é o esquema que outros cursos desejam conquistar. Esse espaço conquistado foi fruto de muita luta do grupo, desde o início e as conquistas foram alcançadas com o apoio das sucessivas direções do Instituto e as várias coordenações do curso. A dificuldade que encontramos é a disponibilidade do aluno para cursar o Estágio. Temos muita dificuldade em colocá-lo para acompanhar uma única turma. Necessário que o aluno do curso fosse liberado integralmente em um turno.”

O atual modelo de Estágio Supervisionado que o Instituto de Biologia realiza foi apontado por mais de um docente, como bem próximo do ideal. Claro que sempre há o que se melhorar. Mesmo tento melhoras a serem realizadas, o modelo adotado pelo Instituto, na modalidade de Licenciatura é um modelo referência para outras universidades, como exemplo, podemos citar a recém-visita de professores do Maranhão que nos privilegiaram com suas visitas, a fim de conhecer nossa estrutura e organização pedagógica e principalmente, o nosso modelo de Estágio Supervisionado.

Outros orientadores defendem modelos ideais como: o respeito à vontade do licenciando, a fim de que desenvolvessem juntos, orientadores e estagiários, como seria este momento tão único do então licenciando. Outros professores defendem o ideal de que os estagiários passem por diferentes instituições, de âmbito municipal, estadual e particular.

Já um ideal comentado por mais de um orientador é na face de que o licenciando, no momento de realização do Estágio Supervisionado, pudesse de fato realizar uma imersão e não ficar preso a disciplinas outras que acabam atrapalhando este momento de formação inicial. O orientador propõe que se desenvolva algum método

para que o licenciando elimine todas as disciplinas antes de cursar o Estágio Supervisionado, porque assim, esse momento de extrema demanda, não seja comprometido.

Por fim, podemos compreender que assim como Tardif (2002) relata em seu trabalho, os professores orientadores do Estágio Supervisionado que participaram dessa pesquisa também acreditam que o Estágio Supervisionado constitui uma das etapas mais importantes na vida acadêmica do licenciando. Todas as respostas do Núcleo de Educação se voltam para este enfoque da preocupação em como realizar e qual a melhor forma de aproveitamento deste momento.

Os professores orientadores entrevistados relatam ainda que é no momento do Estágio, que ocorrerá o resgate de tudo o que foi aprendido ao longo dos anos do curso. Resgate esse necessário para que seja colocado em prática todo o conhecimento teórico e prático. Schön (1992) já mostrava tal importância, sendo que o Estágio é hoje, a prática do aprendizado por meio do exercício da regência, com conhecimento que vai desde os práticos aos teóricos aprendidos ao longo do curso.

Pimenta (1999) diz que para vivenciar a prática docente, o Estágio deveria ser mediado por professores já habilitados, no caso, os orientadores dentro das universidades em parceria com os professores que já atuam nas salas de aula. E nas respostas, observamos que essa relação professor orientador e professor supervisor, acontecem entre os docentes entrevistados.

Além de todo o exposto, e tendo por referência todas as respostas obtidas pelos professores orientadores do Núcleo de Educação do curso de Licenciatura de Ciências Biológicas do Instituto de Biologia da Universidade Federal de Uberlândia, é possível afirmar que o corpo docente, o curso e o InBIO cumprem na íntegra a determinação maior sobre Estágio, que está em vigor através da Lei Federal de número 11.788, de 25 de setembro de 2008, que consta no Anexo I deste trabalho.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estágio Supervisionado, considerando a legislação vigente, é a componente curricular que visa ao licenciando o exercício da atividade profissional que irá exercer, sendo, portanto, um momento de formação inicial em que se deve priorizar a vivência do graduando de licenciatura na realidade educacional.

Desta forma o Estágio Supervisionado é o eixo no qual o estagiário deve vivenciar várias práticas e vários modos/modelos de “ser professor”. De acordo com o que está disposto no artigo 13 da LDBEN, os docentes que irão atuar na Escola de Educação Básica não podem ser vistos como profissionais que atuarão somente na sala de aula, pois deverão participar da vida da escola de um modo geral, o que requer a sua atuação em atividades como elaboração da proposta pedagógica da escola e elaboração e cumprimento de planos de trabalho. Levando em consideração essa proposta, o Estágio Supervisionado zela pela aprendizagem do aluno, estabelecimento de estratégias educacionais, participação nos períodos de planejamento, avaliação e desenvolvimento profissional e colaboração com as atividades de articulação da escola.

A LDBEN, ao oficializar um perfil de profissional para a Educação Básica, impõe à Universidade a responsabilidade da construção de uma política de formação inicial de professores que leve em consideração essa ampliação do espaço de atuação do profissional a ser formado. A partir da análise das entrevistas, é possível perceber que essa responsabilidade se faz presente na prática de todos os orientadores.

Segundo a Legislação em vigor, o Estágio Supervisionado é concebido como tempo de aprendizagem, pois demandará uma relação pedagógica entre um profissional reconhecido em um ambiente institucional de trabalho e um aluno estagiário, ou seja, a relação do professor supervisor e do estagiário, conforme é estipulado no parecer do MEC 28/ 2001, intermediados pela ação do orientador.

A exigência de atenção ao estabelecido em documentos como a LDBEN, pareceres do CNE e orientações da UFU e do próprio InBIO, não compromete a autonomia que cada professor orientador de Estágio desfruta para formatar e executar seu plano de trabalho com os licenciandos. Essa autonomia transparece das falas destes professores, como demonstra essa investigação.

O Estágio Supervisionado é, portanto, o momento de formação inicial que deve ser efetivado pelo exercício *in loco*, pela presença participativa do licenciando em ambientes reais de trabalho, a escola-campo. Por isso é um componente curricular que deve ser realizado direta e efetivamente em unidades escolares dos sistemas de ensino.

A natureza do Estágio Supervisionado pressupõe para esse componente curricular obrigatório tenha uma dimensão formadora, relacionada à aplicação dos conhecimentos adquiridos ao longo do processo acadêmico na realidade social, e uma dimensão social e política, relacionada à reflexão, à análise e à avaliação das diferentes atuações do profissional no contexto educacional. Pelo exposto, o Estágio Supervisionado obrigatório que acontece no curso de Ciências Biológicas se coloca no objetivo de proporcionar ao licenciando a vivência de diferentes formas de atuação no contexto escolar, visando favorecer ao seu desenvolvimento profissional não só na dimensão da sala de aula, uma vez que se é experimentado várias formas educacionais possíveis. Nesse contexto, o Estágio Supervisionado objetiva:

- a) Proporcionar a inserção do licenciando na escola-campo, em alguns primeiros *locus* de atuação como professor;
- b) Promover condições para uma inter-relação mais efetiva entre teoria e prática no processo de formação do licenciando;
- c) Estimular a reflexão sobre o contexto da escola-campo de Estágio.

Dessa forma, o Estágio ofertado pelo Curso de Graduação, modalidade Licenciatura, compreende um conjunto de atividades para a atuação do professor, envolvendo interação com a comunidade escolar, compreensão da organização e do planejamento escolar e, finalmente, o planejamento, a execução e a avaliação de atividades. Assim, garante ao licenciando um espaço privilegiado de articulação entre conhecimentos teóricos e a prática no exercício da docência. O Estágio Supervisionado se efetiva sempre sob a forma da ação – reflexão – ação do contexto escolar, possibilitando assim ao licenciando, vivenciar a escola em toda a sua dimensão.

A ida do licenciando para a atual sala de aula da Educação Básica é de uma riqueza imensurável, pois a formação daquela crianças e adolescentes é fundamental para se desenvolverem enquanto cidadãos críticos e atuantes. Então cabe a nós enquanto

licenciandos fazermos uma graduação que nos possibilite trazer a esta nova geração, pensamentos críticos sobre o que acontece no nosso país e no mundo, para que assim sejamos capazes de auxiliar na formação e construção de seres humanos melhores.

Vale a ressalva e destaque para as respostas fornecidas pelo Núcleo de Educação, pois estes professores orientadores demonstraram de forma bastante clara o quanto valorizam e se orgulham de realizarem um ótimo Estágio Supervisionado. A qualidade que todos empregam em cada etapa fica muito evidente em cada resposta e para quem já passou por eles, assim como eu, sabe dessa realidade. Respostas estas que deixam muito claro a unicidade do corpo docente, que é um grupo que tem intrínseco em si o mesmo “ser”, a mesma base pedagógica, porém, individualmente utilizam de “roupagens” diferentes para condução do mesmo componente curricular.

ANEXO I

Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos

LEI Nº 11.788, DE 25 DE SETEMBRO DE 2008.

Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996; revoga as Leis nºs 6.494, de 7 de dezembro de 1977, e 8.859, de 23 de março de 1994, o parágrafo único do art. 82 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art. 6º da Medida Provisória nº 2.164-41, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA: Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

CAPÍTULO I
DA DEFINIÇÃO, CLASSIFICAÇÃO E RELAÇÕES DE ESTÁGIO

Art. 1º Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam freqüentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos.

§ 1º O estágio faz parte do projeto pedagógico do curso, além de integrar o itinerário formativo do educando.

§ 2º O estágio visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho.

Art. 2º O estágio poderá ser obrigatório ou não-obrigatório, conforme determinação das diretrizes curriculares da etapa, modalidade e área de ensino e do projeto pedagógico do curso.

§ 1º Estágio obrigatório é aquele definido como tal no projeto do curso, cuja carga horária é requisito para aprovação e obtenção de diploma.

§ 2º Estágio não-obrigatório é aquele desenvolvido como atividade opcional, acrescida à carga horária regular e obrigatória.

§ 3º As atividades de extensão, de monitorias e de iniciação científica na educação superior, desenvolvidas pelo estudante, somente poderão ser equiparadas ao estágio em caso de previsão no projeto pedagógico do curso.

Art. 3º O estágio, tanto na hipótese do § 1º do art. 2º desta Lei quanto na prevista no § 2º do mesmo dispositivo, não cria vínculo empregatício de qualquer natureza, observados os seguintes requisitos:

I – matrícula e frequência regular do educando em curso de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e nos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos e atestados pela instituição de ensino;

II – celebração de termo de compromisso entre o educando, a parte concedente do estágio e a instituição de ensino;

III – compatibilidade entre as atividades desenvolvidas no estágio e aquelas previstas no termo de compromisso.

§ 1º O estágio, como ato educativo escolar supervisionado, deverá ter acompanhamento efetivo pelo professor orientador da instituição de ensino e por supervisor da parte concedente, comprovado por vistos nos relatórios referidos no inciso IV do caput do art. 7º desta Lei e por menção de aprovação final.

§ 2º O descumprimento de qualquer dos incisos deste artigo ou de qualquer obrigação contida no termo de compromisso caracteriza vínculo de emprego do

educando com a parte concedente do estágio para todos os fins da legislação trabalhista e previdenciária.

Art. 4º A realização de estágios, nos termos desta Lei, aplica-se aos estudantes estrangeiros regularmente matriculados em cursos superiores no País, autorizados ou reconhecidos, observado o prazo do visto temporário de estudante, na forma da legislação aplicável.

Art. 5º As instituições de ensino e as partes cedentes de estágio podem, a seu critério, recorrer a serviços de agentes de integração públicos e privados, mediante condições acordadas em instrumento jurídico apropriado, devendo ser observada, no caso de contratação com recursos públicos, a legislação que estabelece as normas gerais de licitação.

§ 1º Cabe aos agentes de integração, como auxiliares no processo de aperfeiçoamento do instituto do estágio:

- I – identificar oportunidades de estágio;
- II – ajustar suas condições de realização;
- III – fazer o acompanhamento administrativo;
- IV – encaminhar negociação de seguros contra acidentes pessoais;
- V – cadastrar os estudantes.

§ 2º É vedada a cobrança de qualquer valor dos estudantes, a título de remuneração pelos serviços referidos nos incisos deste artigo.

§ 3º Os agentes de integração serão responsabilizados civilmente se indicarem estagiários para a realização de atividades não compatíveis com a programação curricular estabelecida para cada curso, assim como estagiários matriculados em cursos ou instituições para as quais não há previsão de estágio curricular.

Art. 6º O local de estágio pode ser selecionado a partir de cadastro de partes cedentes, organizado pelas instituições de ensino ou pelos agentes de integração.

CAPÍTULO II DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO

Art. 7º São obrigações das instituições de ensino, em relação aos estágios de seus educandos:

I – celebrar termo de compromisso com o educando ou com seu representante ou assistente legal, quando ele for absoluta ou relativamente incapaz, e com a parte concedente, indicando as condições de adequação do estágio à proposta pedagógica do curso, à etapa e modalidade da formação escolar do estudante e ao horário e calendário escolar;

II – avaliar as instalações da parte concedente do estágio e sua adequação à formação cultural e profissional do educando;

III – indicar professor orientador, da área a ser desenvolvida no estágio, como responsável pelo acompanhamento e avaliação das atividades do estagiário;

IV – exigir do educando a apresentação periódica, em prazo não superior a 6 (seis) meses, de relatório das atividades;

V – zelar pelo cumprimento do termo de compromisso, reorientando o estagiário para outro local em caso de descumprimento de suas normas;

VI – elaborar normas complementares e instrumentos de avaliação dos estágios de seus educandos;

VII – comunicar à parte concedente do estágio, no início do período letivo, as datas de realização de avaliações escolares ou acadêmicas.

Parágrafo único. O plano de atividades do estagiário, elaborado em acordo das 3 (três) partes a que se refere o inciso II do caput do art. 3º desta Lei, será incorporado ao termo de compromisso por meio de aditivos à medida que for avaliado, progressivamente, o desempenho do estudante.

Art. 8º É facultado às instituições de ensino celebrar com entes públicos e privados convênio de concessão de estágio, nos quais se explicitem o processo educativo compreendido nas atividades programadas para seus educandos e as condições de que tratam os arts. 6º a 14 desta Lei.

Parágrafo único. A celebração de convênio de concessão de estágio entre a instituição de ensino e a parte concedente não dispensa a celebração do termo de compromisso de que trata o inciso II do caput do art. 3º desta Lei.

CAPÍTULO III DA PARTE CONCEDENTE

Art. 9º As pessoas jurídicas de direito privado e os órgãos da administração pública direta, autárquica e fundacional de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, bem como profissionais liberais de nível superior devidamente registrados em seus respectivos conselhos de fiscalização profissional, podem oferecer estágio, observadas as seguintes obrigações:

I – celebrar termo de compromisso com a instituição de ensino e o educando, zelando por seu cumprimento;

II – ofertar instalações que tenham condições de proporcionar ao educando atividades de aprendizagem social, profissional e cultural;

III – indicar funcionário de seu quadro de pessoal, com formação ou experiência profissional na área de conhecimento desenvolvida no curso do estagiário, para orientar e supervisionar até 10 (dez) estagiários simultaneamente;

IV – contratar em favor do estagiário seguro contra acidentes pessoais, cuja apólice seja compatível com valores de mercado, conforme fique estabelecido no termo de compromisso;

V – por ocasião do desligamento do estagiário, entregar termo de realização do estágio com indicação resumida das atividades desenvolvidas, dos períodos e da avaliação de desempenho;

VI – manter à disposição da fiscalização documentos que comprovem a relação de estágio;

VII – enviar à instituição de ensino, com periodicidade mínima de 6 (seis) meses, relatório de atividades, com vista obrigatória ao estagiário.

Parágrafo único. No caso de estágio obrigatório, a responsabilidade pela contratação do seguro de que trata o inciso IV do caput deste artigo poderá, alternativamente, ser assumida pela instituição de ensino.

CAPÍTULO IV DO ESTAGIÁRIO

Art. 10. A jornada de atividade em estágio será definida de comum acordo entre a instituição de ensino, a parte concedente e o aluno estagiário ou seu representante legal, devendo constar do termo de compromisso ser compatível com as atividades escolares e não ultrapassar:

I – 4 (quatro) horas diárias e 20 (vinte) horas semanais, no caso de estudantes de educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional de educação de jovens e adultos;

II – 6 (seis) horas diárias e 30 (trinta) horas semanais, no caso de estudantes do ensino superior, da educação profissional de nível médio e do ensino médio regular.

§ 1º O estágio relativo a cursos que alternam teoria e prática, nos períodos em que não estão programadas aulas presenciais, poderá ter jornada de até 40 (quarenta) horas semanais, desde que isso esteja previsto no projeto pedagógico do curso e da instituição de ensino.

§ 2º Se a instituição de ensino adotar verificações de aprendizagem periódicas ou finais, nos períodos de avaliação, a carga horária do estágio será reduzida pelo menos à metade, segundo estipulado no termo de compromisso, para garantir o bom desempenho do estudante.

Art. 11. A duração do estágio, na mesma parte concedente, não poderá exceder 2 (dois) anos, exceto quando se tratar de estagiário portador de deficiência.

Art. 12. O estagiário poderá receber bolsa ou outra forma de contraprestação que venha a ser acordada, sendo compulsória a sua concessão, bem como a do auxílio-transporte, na hipótese de estágio não obrigatório.

§ 1º A eventual concessão de benefícios relacionados a transporte, alimentação e saúde, entre outros, não caracteriza vínculo empregatício.

§ 2º Poderá o educando inscrever-se e contribuir como segurado facultativo do Regime Geral de Previdência Social.

Art. 13. É assegurado ao estagiário, sempre que o estágio tenha duração igual ou superior a 1 (um) ano, período de recesso de 30 (trinta) dias, a ser gozado preferencialmente durante suas férias escolares.

§ 1º O recesso de que trata este artigo deverá ser remunerado quando o estagiário receber bolsa ou outra forma de contraprestação.

§ 2º Os dias de recesso previstos neste artigo serão concedidos de maneira proporcional, nos casos de o estágio ter duração inferior a 1 (um) ano.

Art. 14. Aplica-se ao estagiário a legislação relacionada à saúde e segurança no trabalho, sendo sua implementação de responsabilidade da parte concedente do estágio.

CAPÍTULO V DA FISCALIZAÇÃO

Art. 15. A manutenção de estagiários em desconformidade com esta Lei caracteriza vínculo de emprego do educando com a parte concedente do estágio para todos os fins da legislação trabalhista e previdenciária.

§ 1º A instituição privada ou pública que reincidir na irregularidade de que trata este artigo ficará impedida de receber estagiários por 2 (dois) anos, contados da data da decisão definitiva do processo administrativo correspondente.

§ 2º A penalidade de que trata o § 1º deste artigo limita-se à filial ou agência em que for cometida a irregularidade.

CAPÍTULO VI DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 16. O termo de compromisso deverá ser firmado pelo estagiário ou com seu representante ou assistente legal e pelos representantes legais da parte concedente e da instituição de ensino, vedada a atuação dos agentes de integração a que se refere o art. 5º desta Lei como representante de qualquer das partes.

Art. 17. O número máximo de estagiários em relação ao quadro de pessoal das entidades concedentes de estágio deverá atender às seguintes proporções:

I – de 1 (um) a 5 (cinco) empregados: 1 (um) estagiário;

- II – de 6 (seis) a 10 (dez) empregados: até 2 (dois) estagiários;
- III – de 11 (onze) a 25 (vinte e cinco) empregados: até 5 (cinco) estagiários;
- IV – acima de 25 (vinte e cinco) empregados: até 20% (vinte por cento) de estagiários.

§ 1º Para efeito desta Lei, considera-se quadro de pessoal o conjunto de trabalhadores empregados existentes no estabelecimento do estágio.

§ 2º Na hipótese de a parte concedente contar com várias filiais ou estabelecimentos, os quantitativos previstos nos incisos deste artigo serão aplicados a cada um deles.

§ 3º Quando o cálculo do percentual disposto no inciso IV do caput deste artigo resultar em fração, poderá ser arredondado para o número inteiro imediatamente superior.

§ 4º Não se aplica o disposto no caput deste artigo aos estágios de nível superior e de nível médio profissional.

§ 5º Fica assegurado às pessoas portadoras de deficiência o percentual de 10% (dez por cento) das vagas oferecidas pela parte concedente do estágio.

Art. 18. A prorrogação dos estágios contratados antes do início da vigência desta Lei apenas poderá ocorrer se ajustada às suas disposições.

Art. 19. O art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, passa a vigorar com as seguintes alterações:

“Art. 428.

§ 1º A validade do contrato de aprendizagem pressupõe anotação na Carteira de Trabalho e Previdência Social, matrícula e frequência do aprendiz na escola, caso não haja concluído o ensino médio, e inscrição em programa de aprendizagem desenvolvido sob orientação de entidade qualificada em formação técnico-profissional metódica.

.....

§ 3º O contrato de aprendizagem não poderá ser estipulado por mais de 2 (dois) anos, exceto quando se tratar de aprendiz portador de deficiência.

.....

§ 7º Nas localidades onde não houver oferta de ensino médio para o cumprimento do disposto no § 1º deste artigo, a contratação do aprendiz poderá ocorrer sem a frequência à escola, desde que ele já tenha concluído o ensino fundamental.” (NR)

Art. 20. O art. 82 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 82. Os sistemas de ensino estabelecerão as normas de realização de estágio em sua jurisdição, observada a lei federal sobre a matéria.

Parágrafo único. (Revogado).” (NR)

Art. 21. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 22. Revogam-se as Leis nºs 6.494, de 7 de dezembro de 1977, e 8.859, de 23 de março de 1994, o parágrafo único do art. 82 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art. 6º da Medida Provisória nº 2.164-41, de 24 de agosto de 2001.

Brasília, 25 de setembro de 2008; 187º da Independência e 120º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Fernando Haddad

André Peixoto Figueiredo Lima

Este texto não substitui o publicado no DOU de 26.9.2008

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACON, A. L. P e ARRUDA, S. M. **Os saberes docentes na formação inicial do professor de física:** elaborando sentidos para o estágio supervisionado. *Ciência & Educação*, v. 16, n.3, p. 507-524, 2010.
- BEHRENS, M. **O Estágio Supervisionado de Prática de Ensino: Uma proposta coletiva de reconstrução.** Dissertação de Mestrado em Educação. São Paulo, PUC/SP, 1991.
- BRASIL. Decreto n. 11.788, de 25 de setembro de 2008. **Dispõe sobre o estágio de estudantes**, Brasília, DF. 09/2008.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN). Lei n.º 9.394, 20 dez. 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CES Nº 009/2001. **Diretrizes curriculares para formação de professores da educação básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.** Brasília-DF: MEC/CNE, 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional de Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica / Ministério da Educação.** Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. 562p.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ciências Naturais**, Brasil, 1998.
- BRASIL. Resolução CNE/CP 2/2002. **Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior.** Diário Oficial da União, Brasília, 4 de março de 2002. Seção 1, p. 9
- CASTELLAR, S. M. V. A Formação de Professores e o Ensino de Geografia. *In: Terra Livre - As Transformações do Mundo da Educação - Geografia, Ensino e Responsabilidade Social.* São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros, (14): p. 48- 55, jan./jul. 1999.
- CARVALHO, L. M. C. et al. Pensando a licenciatura na UNESP. **Nuances: estudos sobre educação.** Presidente Prudente, ano 9, n.9/10, p. 211-232, 2003.
- CONSUN-UFU. **Recurso administrativo**, nos termos do art. 42 e seus incisos da Resolução 10/02. CONSUN-UFU, 2017.
- CUNHA, M. I. Lugares de Formação: Tensões entre a academia e o trabalho docente. *In* DALBEN, A et al (Orgs). **Convergências e tensões no campo da formação docente: didática, formação de professores e trabalho docente.** Coleção didática e prática de ensino. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.
- GATTI, B.A., et al. **Políticas docentes no Brasil: um estado da arte.** Brasília: UNESCO, 2011.
- GAUTHIER, C. Ensinar: ofício estável, identidade profissional vacilante. *In: SILVA, M. (Org.). Pedagogia cidadã: cadernos de formação: caderno de didática.* São Paulo: UNESP, PRG, 2003.
- GAUTHIER, C. *et al.* **Por uma teoria da pedagogia: pesquisa contemporânea sobre o saber docente.** Trad. Francisco Pereira. Injuí: Unjuí, 1998.

- GHEDIN, E. A articulação entre estágio-pesquisa na formação do professor pesquisador e seus fundamentos. In: BARBOSA, R.L.L. (Org.). **Formação de educadores: artes e técnicas, ciências políticas**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- HOBSON, A. J.; ASHBY, P. MALDEREZ, A. TOMLINSON, P. D Mentoring beginning teachers: What we know and what we don't **Teaching and Teacher Education** 25 (2009) 207–216, 2009.
- INSTITUTO DE BIOLOGIA. **Ficha de componente curricular: Estágio Supervisionado I**. Uberlândia, UFU, 2012a.
- INSTITUTO DE BIOLOGIA. **Ficha de componente curricular: Estágio Supervisionado II**. Uberlândia, UFU, 2012b.
- INSTITUTO DE BIOLOGIA. **Ficha de componente curricular: Estágio Supervisionado III**. Uberlândia, UFU, 2012c.
- KRASILCHIK, M. **Prática de Ensino de Biologia**. Rio de Janeiro: Ed. Harbra, 3. ed. 1996.
- LIMA, M.S.L.; PIMENTA, S.G. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 1. ed. 2004.
- MENEZES, P. H. D. Formação profissional prática específica do professor: reflexões sobre um modelo colaborativo de estágio curricular supervisionado. In: CALDERANO M.A. (org.) **Estágio Curricular: concepções, reflexões teórico-práticas e proposições**. Juiz de Fora, Ed. UFJF, 2012.
- MOORE, A **The good teacher: Dominant discourses in teaching and teacher education**, Routledge Falmer, London, 2004.
- PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores: unidade, teoria e prática?** 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- PIMENTA, S. G. (org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 1999.
- SANTOS, H. M. dos. **O estágio curricular na formação de professores: diversos olhares**. In: 28ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED, GT 8 – Formação de Professores. Caxambu, 2005.
- SAVIANI, D. Formação de professores: aspectos teóricos e históricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 40, 2009.
- SCHÖN, D. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, A. (Org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.
- SOUZA, E. M. F., MARTINS, A. M. G. S. **Estágio Supervisionado nos Cursos de Licenciatura: Pesquisa, Extensão e Docência**. Periódicos UESB, Vol. 8, n. 13, 2012, p. 143 – 156.
- SUARÉZ-DIAZ, G. **Co-enseñanza: concepciones y prácticas en profesores de una Facultad de Educación en Peru**. Revista Electrónica de Investigación Educativa, v. 18, n. 1, 2016, p. 166 – 182.
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada “O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO INSTITUTO DE BIOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA”, sob a responsabilidade dos pesquisadores Prof. Dra. Ana Maria de Oliveira Cunha e Jader Luiz Nunes. Nesta pesquisa investigaremos o componente curricular Estágio Supervisionado no Instituto de Biologia da Universidade Federal de Uberlândia.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será aplicado pelo pesquisador Jader Luiz Nunes antes da realização das entrevistas, podendo ser em seu ambiente de trabalho ou onde você preferir. Você deverá assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido autorizando a publicação das suas respostas, **RESSALTANDO QUE SEU NOME NÃO SERÁ DIVULGADO.**

Na sua participação você será submetido a uma entrevista que será gravada, podendo ter partes transcritas.

EM NENHUM MOMENTO VOCÊ SERÁ IDENTIFICADO. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.

Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar da pesquisa.

Os riscos desta pesquisa consistem em certo constrangimento e incerteza iniciais devido ao estranhamento do primeiro contato com o pesquisador, que tendem a ser amenizados no decorrer da entrevista. Os benefícios serão as contribuições de seus grandes conhecimentos e práticas.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação.

Uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa poderá entrar em contato com: Ana Maria de Oliveira Cunha (34 3214-3230 ou 34 99124-8410) ou Jader Luiz Nunes (34 3255-6202 ou 34 99332-8277).

Uberlândia, _____ de _____ de _____.

Eu, _____, aceito participar do projeto acima citado, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

APÊNDICE B – ROTEIRO UTILIZADO PARA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

- 1- Quantos alunos, em média, você acompanha em cada turma de estágio? Este número é adequado para sua orientação?
- 2- Quais critérios você utiliza para escolher a escola-campo do estágio?
- 3- Quantas horas o aluno estagiário cumpre efetivamente na escola-campo?
- 4- Quais as atividades realizadas pelos seus alunos na universidade para a preparação das aulas do estágio sob sua supervisão?
- 5- Como é a receptividade da escola-campo em relação ao Estágio Supervisionado de Ciências e Biologia?
- 6- Que tipo de atividades seu aluno desenvolve na escola-campo?
- 7- Como você acompanha o seu aluno-estagiário na escola-campo?
- 8- Qual o papel do professor da escola-campo no estágio de seus alunos?
- 9- Como é feita a avaliação do estagiário?
- 10- Quais são suas principais dificuldades na condução da disciplina do estágio?
- 11- A estrutura do LEN favorece o desenvolvimento do estágio?
- 12- Você acha importante a sua presença na escola-campo do estágio?
- 13- Na sua concepção, como seria a organização ideal do estágio?